

Évora Percepção e Imagem

Estudo Baseado na abordagem de Kevin Lynch

Samuel Ferreira Salgado

Dissetação de Mestrado em Arquitectura
Orientador: Prof. Doutor Nuno Crespo

Janeiro de 2011
Departamento de Arquitectura, Universidade de Évora

Ao Professor Nuno Crespo pelo empenho e dedicação, bem como pelas sugestões e críticas essenciais para o desenvolvimento da dissertação apresentada.

Em especial a David Salgado, Lina Salgado e Carlos Salgado, bem com, a Úrsula Jacinto, pela confiança depositada, pelo amor, força e devoção, imprescindíveis para a finalização desta etapa.

E porque o momento é para tal, e como jamais ousaria não o fazer...

...agradeço-te a ti, simplesmente a ti.

O meu sincero agradecimento.



Resumo

Este trabalho incide na representação fotográfica do centro histórico da cidade de Évora, através desta linguagem visual será explorado o conceito de imagem mental que os indivíduos têm deste espaço urbano.

Esta representação fotográfica será desenvolvida e fundamentada através do trabalho de Kevin Lynch, realizado no âmbito da Imagem da Cidade, trabalho este que levou à publicação de um livro com o mesmo tema. Nesta sua obra, o urbanista e arquitecto americano, realiza ao longo de vários anos, nas cidades norte americanas de Boston, Jersey City e Los Angels, diversos estudos sobre a forma como os indivíduos entendem o espaço, a arquitectura, e em especial, sobre a forma como é feita a percepção dos ambientes urbanos por parte dos indivíduos, como estes assimilam informações que lhes são transmitidas por estes ambientes. Para o autor estas informações chegam à mente do indivíduo através dos seus sentidos, estes, por sua vez, são estimulados devido à existência no meio ambiente de determinados objectos ou partes destes que possuem características fortes, que levam os indivíduos a destacá-los perante o espaço envolvente, esta qualidade visual dos objectos leva a que o indivíduo de uma forma espontânea, crie na sua mente

uma representação do espaço ou de partes deste, representação esta denominada por Lynch de, imagem mental.

O objectivo principal deste estudo é compreender e identificar, com o intuito de posteriormente fotografar, os elementos constituintes da cidade de Évora que possuam tais características suficientemente fortes, capazes de marcar o indivíduo, e que o levam a criar a imagem mental desta cidade.

Apesar da existência de diversos trabalhos realizados dentro do mesmo âmbito nesta cidade, como são os casos de trabalhos realizados pelo Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico da Universidade de Évora, não foi encontrado até agora nenhum que conciliá-se estas duas formas de trabalho, o método utilizado na investigação de Lynch em A Imagem da Cidade, e a consequente materialização desta mesma análise, concretizada por via da fotografia.

Sendo Évora uma cidade única e monumental, cunhada pelo tempo e pela passagem de vários povos que a marcaram tanto histórica como arquitectonicamente, procura-se com este trabalho, enaltecer e dar a conhecer este espaço urbano, materializando a representação mental que os seus habitantes têm da mesma, destacando os elementos considerados primordiais do seu espaço urbano, sob a forma de fotografia.

Abstract

This work consists in the representation of the historical city of Évora, through this visual language there will be an exploration of the concept of mental image that individuals have of this urban space.

This photographic representation will be developed and based on the work of Kevin Lynch carried through with the integration of the language of the city. This work gave way to the publishing of a book of the same topic. In this book, the urbanist and American architect develops throughout several years, in the North American cities of Boston, Jersey City and Los Angeles, various studies about how individuals understand space architecture and especially what kind of perspective these individuals have on these urban environment and also how they absorb information that is transmitted to them through these environments. For the author this information reaches the individual mentally through his senses. These same senses are stimulated, because of the existence of certain objects in this same environment, or part of these that have strong characteristics, which make the individuals enhance these characteristics in a spontaneous form, mentally carrying out a representation of space or parts of, in which Lynch names this phenomenon as Mental Image.

The main objective of this work is to understand and identify, with the pre-intuition of photographing, the elements which form the city of Évora, with such strong characteristics that stay with the individual, leading them to create a mental image of this city.

Although there have been various studies carried out within the same scope of this city, with reference to the work carried out by the Planning Department of Biofísica and Landscapes of the University of Évora, there has not been one until today that coincides both forms of work, the method used in Lynch's investigation in *The Image of a City* and the consequent materialism of the same analyses, carried out through photography.

As Évora is a one of a kind and monumental city, linked through time and landscape of various people that marked it not only historical but also architecturally, and with this work, the main objective is to make this urban space known materializing the mental representation that the villagers have of the same, enhancing the elements considered primary in the urban space through photography.

Índice

Resumo 5

Abstract 9

Introdução 17

Capítulo 1

Espaço e Percepção 27

Capítulo 2

Évora, Caracterização Histórica e Geográfica 43

Capítulo 3

Kevin Lynch - A Imagem da Cidade 57

Capítulo 4

A Imagem da Cidade de Évora 107

Anexos 181

Bibliografia 189

Créditos de Imagens 195

“Todo o cidadão possui muitas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações.”

Kevin Lynch

Introdução

«Finally, the most grandiose result of the photographic enterprise is to give us the sense that we can hold the whole world in our heads – as an anthology of images. To collect photographs is to collect the world.»¹

É inquestionável a importância que a fotografia tem na sociedade contemporânea. Esta surge no séc. XIX, apesar de só ser considerada como forma de arte, nos finais do século seguinte, com o pós-modernismo: «A fotografia, uma invenção do séc. XIX, alterou dramaticamente – tal como muitas outras inovações técnicas dessa era – a percepção e a experiência que a humanidade tinha do mundo, um efeito que se manteve até hoje.»² Desde cedo se destaca como um meio de representação importante e popular, tornando-se um elemento universal e onnipresente. A imagem fotográfica é capaz de representar a realidade tal como esta se apresenta, transmitindo ao indivíduo, numa única imagem, visões do mundo.

«O universo fotográfico representa o mundo lá fora através deste universo, o mundo. A vantagem é permitir que se vejam as cenas inacessíveis e preservar as passageiras.»³ Ao contrário do

1 Susan Sontag, *On Photography*, p.3.

2 Marc Scheps, *Fotografia do Século XX*, p.4.

3 Vilém Flusser, *Ensaio sobre a Fotografia*, p.57.

que acontece com outras formas de representação artísticas como a pintura, por exemplo, onde o resultado final está dependente da capacidade interpretativa e representativa do autor, a fotografia é, nada mais nada menos, que uma representação realista de algo que existe, apesar de ser um elemento influenciado pelos ideais e objectivos do fotógrafo, a fotografia não altera a realidade, apenas a capta e materializa, preservando um instante único no tempo, num momento eterno.

A fotografia é de uma forma simples e directa «a reprodução de uma realidade retida no tempo pelo agente imaterial da luz, a “imobilização” de uma cena visualmente observável, parecia milagre, em especial no início. Foi por assim dizer, o realizar de um desejo antigo do ser humano de criar um mundo imaginário tão credível quanto o próprio mundo real. Esta imagem imitadora do mundo real, quimicamente registada em papel, era criada numa caixa milagrosa e as fotografias resultantes, memórias de uma situação espácio-temporal passada, constituía um arquivo visual. Pela primeira vez, era possível registar o passado sem ser apenas com palavras escritas ou imagens pintadas. Agora podia sobreviver sob a forma de imagens exactas. Podia-se acreditar neste passado como se o tivéssemos vivido pessoalmente.»⁴

⁴ Marc Scheps, op. cit., p.4.

Portadora de uma inigualável capacidade descritiva e analítica, a fotografia clarifica e resume objectivamente um conceito ou ideia. Tornou-se num elemento determinante da vida moderna, ao ser capaz de alterar as condições de experiência de tempo e espaço, tornando únicos os objectos que reproduz. Para Vilém Flusser «as fotografias são onnipresentes: coladas em álbuns, reproduzidas em jornais, expostas em vitrines, paredes de escritórios, afixadas contra muros sob forma de cartazes, impressas em livros, latas de conserva, t-shirts.»⁵ Toda esta diversidade que explora, permite ao campo fotográfico ter uma enorme amplitude não só no contexto artístico, como também social, desempenhando um papel muito importante na nossa sociedade e na nossa vida, seja privada ou pública, a fotografia surge como registo intemporal de experiências de vida, de marcas passadas sejam elas de âmbito cultural, social, económico ou até mesmo político.

As imagens fotográficas, representam um ambiente doméstico, palco dos acontecimentos quotidianos mais comuns de toda uma experiência diária, representando detalhes e partes de uma vida que ocasionalmente não se vê ou da qual não se tem consciência, factos vividos por alguém e que o registo fotográfico, comunica e partilha, tornando acessível e intemporal, sintetizando e transformando

⁵ Vilém Flusser, op. cit., p.57.

questões complexas, momentos de rara beleza ou emoções únicas em imagens icónicas «a intenção é a de eternizar os seus conceitos em forma de imagens acessíveis a outros, a fim de se eternizar nos outros.»⁶

Recorrendo à capacidade da fotografia em recriar visualmente a realidade, este trabalho incide sobre o centro histórico de Évora, com o objectivo principal, de explorar e reproduzir a imagem que o indivíduo que o percorre cria deste espaço, utilizando a representação fotográfica como meio expressivo e interpretativo dos elementos mais marcantes e importantes do mesmo.

Através da análise da interacção entre o indivíduo e o centro histórico de Évora, pretende-se estudar este espaço enquanto palco de experiências sensoriais, abordando-o como espaço cenográfico, onde têm lugar toda uma série de acontecimentos e enredos, o quotidiano dos seus actores principais, os seus habitantes, elementos móveis de uma cidade que em conjunto com as suas actividades, são tão importantes como as partes físicas e imóveis da mesma. Estes mesmos indivíduos não são meros observadores de todo um espectáculo, mas sim uma parte integrante e activa dele, assumindo o papel principal e participando em conjunto com os demais habitantes neste enorme palco.

6 Vilém Flusser, op. cit., p.61.

Procura-se entender como os indivíduos vivem, observam, compreendem e organizam informações aleatórias quando transitam na cidade, tendo em conta que a percepção que temos desta na sua grande maioria das vezes não é integral, mas sim parcial e bastante fragmentária, e depende de factores e referências pessoais, sociais e culturais. Também é nosso objectivo explorar e identificar elementos portadores de características que interferem com a percepção do centro histórico e influenciam a sua leitura e a concepção de imagens mentais, claras e identificativas, que são resultado de conhecimentos, experiências, ou até mesmo de memórias anteriores. Em suma, trata-se de ver de que modo as pessoas recriam/reconstróem a cidade de uma maneira lógica, formando imagens que a representam, estas associadas e organizadas em conjunto, levam à criação de uma forma mais generalizada de mapas mentais, fragmentos representativos de um todo. É através destes que os indivíduos se orientam, compreendem ou simplesmente descrevem coerentemente a cidade.

São estes elementos (edifícios, ruas, praças, fontes, jardins ou até mesmo pormenores, como portas ou janelas) que são considerados fundamentais na construção da imagem da cidade. Foram estes elementos marcantes que foram identificados e seleccionados, e posteriormente, registados fotograficamente, concretizando

o que se poderá designar de mapa fotográfico da cidade de Évora, uma cartografia fotográfica, resultado da abordagem e interacção de várias imagens mentais da mesma.

Para seleccionar estes elementos marcantes da cidade, é de certa forma importante compreender como se desenvolve esta capacidade de associar imagens e atribuir significado a elementos ou partes destes, esta escolha está dependente de uma qualidade ou de certas características capazes de invocar no indivíduo um sentimento familiar e agradável com que este se identifica, levando-o à criação e associação de uma imagem mental desse mesmo elemento.

Para alcançar estes objectivos recorreu-se como premissa de trabalho à metodologia utilizada pelo urbanista Kevin Lynch no estudo realizado nas cidades norte americanas de Boston, Jersey City e Los Angeles, que levou à publicação do livro *A Imagem da Cidade*. Nesta obra é estudada a forma como as pessoas ao transitarem, experimentarem e ao viverem o espaço urbano, percebem e organizam informações aleatórias, levando o autor a concluir que estas entendem a cidade de uma forma consciente e previsível, formando o que define como imagens e mapas mentais.

Na primeira fase do trabalho, com o intuito de realizar a identificação e o levantamento dos locais e elementos considerados como base para a sua realização, elementos esses caracterizadores do

espaço urbano e representativos da imagem mental pretendida, foram realizadas diversas incursões à cidade, numa área delimitada ao centro histórico amuralhado, espaço onde tiveram lugar também várias conversas com habitantes, no âmbito de tentar compreender, a forma como estes concebiam e descreviam este espaço Eborense, e perceber dentro deste espaço quais os elementos que destacavam como identificativos e caracterizadores do mesmo. Tratou-se de uma conversa informal, com o objectivo de obter uma informação directa e objectiva. Através desta interacção com os habitantes e com o próprio espaço destacaram-se alguns dos elementos urbanísticos mencionados, procurou-se perceber o porquê desse destaque tentando compreender, quais as características e ou qualidades visuais que possuíam e lhes atribuíam uma posição de destaque no seio deste meio urbano.

Numa segunda fase, após a análise da informação obtida, procedeu-se à identificação dos elementos mais marcantes. Após todo um processo selectivo estes elementos serviram de base interpretativa, para a realização do levantamento e representação fotográfica levada a cabo da cidade de Évora.

Existem diversos trabalhos com um âmbito semelhante aquele que aqui se apresenta, e abordando a cidade através da mesma metodologia de Lynch. Na Universidade de Évora destacam-se os

trabalhos realizados pelo Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico, onde é solicitado a pessoas que transitam o centro histórico desta cidade que representem e foquem através da utilização de vídeo, os elementos que consideram mais importantes, que se destaquem e que na sua opinião marquem o espaço, surgem também trabalhos realizados em Universidades Internacionais, nomeadamente na Universidade Federal de Pelotas (Brasil), que focaram a metodologia de Lynch em A Imagem da Cidade, recorrendo ao mesmo inquérito realizado nas cidades Americanas, apresentando os seus resultados em forma de gráficos, tabelas e esboços.

Contudo este trabalho destaca-se pela forma como elege a fotografia como meio de apresentação dos seus resultados finais. Uma escolha que introduz um elemento de novidade na forma como se estuda e aborda a temática da percepção do espaço urbano.

Este trabalho é uma espécie de elogio à cidade de Évora, enaltecendo fotograficamente a imagem que a cidade transmite. As imagens fotográficas apresentadas procuram ser um reflexo de uma metodologia e abordagem próprias, onde se destacam as noções de singularidade e autoria (todas as imagens são inéditas, sem qualquer preocupação em seguir convenções académicas ou artísticas).

Capítulo 1
Espaço e Percepção

Neste trabalho a cidade é assumida enquanto palco de experiências da vida humana, das quais se tenta compreender como é feita a sua percepção e como o seu espaço, ao ser experimentado e interiorizado, ou seja, ao ser vivido, habitado e ao ser compreendido pelo habitante, permite a este absorver e processar um conjunto de informações, construindo relações, atribuindo significados e formar imagens mentais da cidade.

Assim, é fundamental entender todo o processo que leva o homem a compreender o espaço que o rodeia, seja ele de carácter rural, urbano, ou simplesmente natural, como o faz, o que o motiva e os resultados consequentes desta interacção. Torna-se imperativo também abordar conceitos chave e axiais para o desenvolvimento de todo este processo, tais como "Espaço Urbano", ou "Percepção", visto serem domínios sobre os quais todo o trabalho se irá desenvolver, articular e em determinados casos até fundamentar, é importante perceber o espaço onde toda uma acção decorre de modo a compreender como este a influencia, assim como é importante compreender o tipo de acção que se aborda e quais as variáveis a que esta está sujeita.

Apesar deste trabalho se focar numa cidade em concreto, Évora, o conceito de experiência do espaço será inicialmente aprofundado de uma forma generalizada, uma vez se tratar de factores implícitos no acto de vivência do espaço geral, o todo.

O espaço é uma grandeza subjectiva: cada um de nós poderia formular uma noção diferente sobre ele e descrevê-lo de diversas formas e perspectivas. A abordagem ao conceito de espaço poderá ser feita em termos físicos, filosóficos, psicológicos, sociais ou até mesmo políticos, mas este surge sempre interligado e em função de uma dimensão, o homem, ele habita-o, percorre-o, descreve-o, e é ele que através de uma atitude mensurável, atribui uma lógica ao espaço.

Existem vários sentidos do conceito de espaço, partindo de uma noção mais ampla surge o, espaço geográfico, este apesar de associado a toda uma actividade, maioritariamente humana, engloba em si todas as partes do planeta passíveis de análise e classificação pelas diversas áreas da ciência geográfica, define-se então, como sendo uma área à superfície, possuidora de certas características próprias que advêm de um determinado conjunto de elementos físicos, que a constituem e caracterizam, como um conjunto de elementos naturais tais como relevo, clima, vegetação, hidrografia entre outros, este é o suporte de todas as actividades, a vida. Dentro deste vasto conceito, surgem então conceitos mais específicos como os de espaço físico, espaço social, espaço cartesiano e espaço urbano.

O espaço físico existe independentemente do homem, este intervém sobre o espaço moldando-o em função dos seus desejos e

necessidades, estrutura-o e atribui-lhe carácter, organizando-o tridimensionalmente. Esta organização espacial alcança-se recorrendo a elementos estruturantes básicos, como o ponto, a linha, o volume, estes elementos materializam-se e articulam-se entre si, formando um espaço real, onde o homem realiza a sua vida quotidiana. O espaço social surge em oposição ao espaço cartesiano, neste último, o espaço e os elementos que o constituem são caracterizados em função de uma localização atribuída através de coordenadas dadas e fixas, já o espaço social é definido não por um conjunto de coordenadas mas as localizações efetuadas regem-se em função de características, posições e estatutos sociais, posses, ou estilos de vida.

Atribui-se, ao termo urbano, o que se considera próprio das cidades, este não se esgota nos limites da cidade e é formado por um conjunto de organizações sociais, económicas e políticas, limites que não se devem reduzir ao conceito de limite físico, delimitado e restringido, uma vez que este ultrapassa estes limites, chegando estas características a serem encontradas em ambientes rurais, para Jean Paul Lacaze «a cidade foi também durante muito tempo um lugar onde se vivia de maneira diferente da do campo. Mesmo que, hoje em dia, os modos de vida se tenham quase totalmente uniformizado nos países desenvolvidos, a cidade permanece um espaço

social privilegiado pela intensidade das relações que facilita.»⁷

Os espaços urbanos são, geralmente, reconhecíveis na paisagem⁸ de uma forma fácil, apesar de serem específicos e singulares, cada um apresenta, particularidades únicas. A sua distribuição espacial, as características formais e estruturais dos elementos mais importantes que o constituem e organizam, as ambiências existentes no lugar, os diferentes modos como as pessoas se inserem e apropriam deste espaço, tendo em conta determinadas lógicas sócio espaciais traduzem-se num ambiente geral muito próprio e único, produzindo assim espaços urbanos que se desenvolvem e complexificam à medida que são aprofundadas estas relações indivíduo/espaço urbano, criando-se então um “genius loci”⁹ muito forte, um espírito do lugar muito característico, que o marca e lhe atribui uma identidade singular.

Uma vez analisado o local onde se desenvolve todo o quotidiano do ser humano, é fundamental estudar o processo através

7 Jean-Paul Lacaze, A Cidade e o Urbanismo, p.22.

8 O conceito de paisagem resulta da interacção entre o indivíduo e o espaço geográfico, esta só existe devido a uma abordagem ou perspectiva humana sobre ela, requer a existência de um indivíduo que receba os seus estímulos através dos sentidos e elabore uma opinião sobre ela na mente.

9 Segundo Manuela Magalhães, Norberg Schulz arquitecto e historiador, descreve o Genius Loci ou o «espírito do lugar» o qual confere a um lugar um carácter que os distingue de todos os outros. A Arquitectura Paisagista: Morfologia e Complexidade, p.237.

do qual este compreende e conhece o mundo à sua volta, na sua totalidade, a percepção.

A exploração dos mecanismos da percepção humana tem um papel muito importante no desenvolvimento deste trabalho. É através destes que o indivíduo percebe o espaço que o rodeia, e é através da sua abordagem que se procura compreender a forma como estes influenciam individualmente e de forma diferente cada indivíduo, e a capacidade deste em assimilar e organizar os estímulos recebidos ao transitar o espaço, e como este processo resulta numa opinião e numa ideia concreta, sobre determinado local, objecto ou situação.

«Olho em torno de mim. Estou no meu escritório, diante de mim distingo um computador, e livros em cima da mesa. Pela janela vejo o jardim, o relvado, um pássaro numa oliveira. Tenho uma percepção daquilo que me rodeia. Fecho os olhos, e deixo de ver o meu meio ambiente. Contudo ele continua presente, sei que está presente (ou julgo sabê-lo). A percepção passa-se portanto dentro de mim, a partir da minha visão. A percepção é uma representação do meio ambiente.»¹⁰

A Percepção, surge no âmbito da psicologia e entre os autores que mais profundamente se ocuparam do seu estudo encontram-se nomes como Rudolf Arnheim, Henry Gleitman ou Jean Piaget.

¹⁰ Manuel Jimenez, A Psicologia da Percepção, p.7.

A percepção é o processo a partir do qual o homem toma consciência de objectos, pessoas, locais, situações ou acontecimentos reais, «intuitivamente, a percepção apresenta-se como a função psicológica que nos oferece, de uma forma imediata, uma representação fiel do nosso meio ambiente»¹¹, é através dela que desenvolvemos a noção do que nos rodeia, da realidade, o relacionamento entre o homem e o mundo é regido pelo mecanismo perceptivo e todo o conhecimento que o homem tem deste é adquirido por parte da percepção. Esta caracteriza-se como sendo um processo mental de decodificação de estímulos sensoriais recebidos, aos quais é atribuído um significado. Este processo está dependente de todo um conjunto de motivações pessoais, tornando-o um acto diferente de sujeito para sujeito, dois indivíduos da mesma idade, sujeitos a condições idênticas aos mesmos estímulos, captam-no, organizam-no e interpretam-no mediante um processo perceptivo individual, segundo necessidades, valores e experiências próprias, cada um percebe um objecto ou situação, em função de todo um conjunto de vivências passadas e de factores que lhes são importantes, este aspecto faz com que o homem através dos seus cinco sentidos viva e compreenda a realidade urbana de uma forma íntima e única, comunicando e interagindo com esta, assimilando as suas características, forma,

¹¹ Manuel Jimenez, op. cit., p.10.

cor, textura e relações existentes, percebendo alguns elementos em desfavor de outros, concebendo uma imagem geral e atribuindo significado ao meio na sua totalidade.¹²

«A fase da percepção deve desde logo, ser representada em imagens, mesmo que fragmentadas, e constituindo não mais que impressões soltas, pois é através de imagens que as ideias se começam a organizar em sínteses»¹³, ou seja é através do somatório destas imagens fragmentadas que se torna possível entender o todo.

Na psicologia o estudo da percepção é um elemento de extrema importância, pois o comportamento das pessoas fundamenta-se na interpretação que fazem da realidade e não na realidade propriamente dita. O indivíduo regula-se pela percepção e representação que constrói do mundo que o rodeia, do que entende como realidade, a imagem que dela forma através dos estímulos que esta lhe transmite, resultado das interações entre ambos.

As percepções poderão ser definidas de duas formas, as “reais”, quando o que é percebido corresponde de forma realista ao que realmente o indivíduo experimenta, vê, ouve, sente; ou “irreais”

¹² Magalhães, Manuela Raposo, op. cit., afirma que “Koestler e outros autores referem que a percepção não é realizada só com a visão, mas sim com todo o corpo, desde o cheiro, ao tacto, ao ouvido, à pele e aos músculos (cinestesia) ” p.295.

¹³ Idem, ibidem, p.296.

quando existe uma percepção incoerente com o que é experienciado, caso haja algum tipo de ilusões dos sentidos ou seja, a ideia ou imagem que o indivíduo constrói, não corresponde integral ou parcialmente com a realidade vivida.

«Por outro lado, a percepção depende também dos códigos ideológicos e éticos, bem como do conhecimento»¹⁴, dos indivíduos, a percepção do mundo é algo pessoal que difere de pessoa para pessoa, uma vez que cada um percebe um objecto ou situação de acordo com os aspectos que têm especial importância para ele próprio, o indivíduo, valoriza e presta mais atenção, de uma forma involuntária a estímulos que lhe sejam mais motivadores e familiares.

A pessoa vive o mundo real, analisando-o e criando imagens mentais, consideradas provisórias, uma vez que o indivíduo se encontra em constante acto de percorrer o mundo, continua também a receber novos estímulos deste. Ao recebe-los as imagens criadas anteriormente estão em constante fase de adaptação, adaptando-se e acrescentando novas informações ao modelo posterior. Não significa que as características dos elementos representados, se alterem, mas sim a imagem que resulta da interacção destes com o indivíduo, pode sofrer alterações, adaptando-se ou permanecendo igual.

Ao adquirirmos novas informações, muitas das vezes as

¹⁴ Manuela Magalhães, op. cit., p.294.

nossas percepções alteram-se, não querendo dizer que o estímulo recebido que gerou esta alteração também tenha mudado, mas sim apenas as interpretações que dele se fazem, a organização e o significado associado a este são alterados. Uma rua pode ser percebida de diversas formas, percorrida pela primeira vez pode parecer desinteressante, contudo ao ser percorrida varias vezes e em circunstâncias diferentes, os estímulos recebidos poderão alterar a percepção que temos dela, e decorrido algum tempo afinal aquela rua até é bastante interessante e importante para nós. A rua permanece igual, mas os estímulos recebidos pelos nossos sentidos alteram a imagem e opinião que tínhamos dela. Isto acontece devido ao facto de estarmos mais receptivos a determinados pormenores e características devido ao nosso estado de espírito ser diferente a nossa atenção estar mais apurada em determinada altura, o simples facto de percorrer a rua em circunstâncias diferentes, de dia ou de noite, de carro ou a pé, num dia de sol ou de chuva, tudo isto são factores que alteram os estímulos recebidos pelos nossos sentidos bem como a nossa susceptibilidade a novos estímulos e a sua interpretação, e consequentemente a nossa percepção.

O processo perceptivo, tem início na atenção, no fundo trata-se de um processo selectivo, das observações por nós realizadas, ao prestarmos mais atenção a um elemento, significa que este se

destacou num conjunto em detrimento de outros elementos, o que gera então esta selecção?

De entre os factores que a influenciam surgem duas categorias: os factores externos e os internos. Os factores externos são os considerados próprios do meio ambiente, como, por exemplo, a intensidade, os elementos possuidores de uma característica intensa têm a capacidade de criar estímulos fortes através dos quais a nossa atenção é despertada de uma forma mais activa, isto acontece com sinais sonoros por exemplo, onde a sua intensidade capta a nossa atenção de uma forma quase imediata, outro factor importante é o contraste, pois quanto maior for o contraste dos elementos e entre os estímulos recebidos mais activada e despertada será a nossa atenção, um exemplo claro deste fenómeno, é a utilização de cores fortes e contrastantes, nos sinais de trânsito, elementos cuja função principal é chamar a atenção das pessoas, para a possibilidade de existência de perigos, por exemplo, um outro factor de destaque é a incongruência e incompatibilidade dos elementos perante o espaço em que se encontra ou perante outros elementos desse mesmo espaço, retemos mais facilmente elementos bizarros e absurdos, que não condizem e não se adaptam com o seu meio, do que com algo que consideramos normal, ao percorrermos uma estrada actualmente, o simples facto de nos cruzarmos com outros veículos automó-

veis não nos desperta o interesse da mesma forma se nos cruzarmos com uma charrete puxada por cavalos, não que se trata de um elemento bizarro, apenas inadequado, ou pouco utilizado como meio de transporte nos dias que correm, tornando-se um elemento susceptível de interesse e destaque no contexto em que se insere. O movimento é também um elemento influenciador da nossa atenção, um elemento que com certa facilidade nos desperta interesse, é o caso por exemplo das crianças que prestam normalmente mais atenção aos brinquedos que se movam do que aos estáticos.

Por outro lado, surgem os factores internos, factores próprios do nosso organismo, tais como as motivações pessoais e culturais, desperta-nos a atenção muito mais facilmente algo que consideremos estimulante e interessante que nos dê prazer, com o qual nos identificamos e sentimos alguma afinidade, do que por coisas que consideramos desinteressantes, outro factor determinante é a experiência anterior, ou por outras palavras o hábito, algo a que estamos acostumados, somos facilmente estimulados por algo conhecido, que entendemos e que já vivenciámos; por fim o fenómeno social, pessoas de contextos sociais religiosos e culturas diferentes não prestam atenção aos mesmos objectos da mesma forma, testemunho disso por exemplo os livros, músicas e vídeos que se destacam em Portugal, não despertam a mesma atenção em Espanha por exemplo.

Da diversidade cultural existente, resulta uma variação dos mundos percebidos pelas pessoas, as diferenças culturais ou religiosas influenciam a forma como percebemos o mundo fazendo com que o mesmo objecto ou elemento seja compreendido de uma maneira diferente dependendo do sistema cultural ou religioso em que nos encontramos ou a que pertencemos, estas variações justificam-se pelos diferentes níveis de conhecimento individuais bem como nas diferentes experiências passadas. Desta forma os valores culturais ou religiosos, associados aos objectos, às interacções e aos acontecimentos, constituem um factor importante na forma pela qual os elementos são percebidos. De uma forma geral, a percepção é entendida como a forma como vemos o mundo em nosso redor, a maneira através do qual o homem constrói em si as representações e conhecimentos que tem de todos os elementos, pessoas e situações, mesmo que por vezes seja induzido em erro. Percepcionar algo é perceber-lo através dos nossos sentidos, assimilando-o, concretizando uma imagem na nossa mente, uma representação mental.

O acto perceptivo é um conceito que abrange também outros processos mentais, «a percepção é um conhecimento que se apoia na memória»¹⁵, esta é considerada como a capacidade de

¹⁵ Manuel Jimenez, op. cit., p.8.

adquirir, armazenar, e recuperar informações, é o acto de conservar experiências passadas através das nossas funções psicofisiológicas manifestando-se em hábitos ou lembranças, é através dela que preservamos todas as representações que obtemos através da nossa percepção, quando se recorda um objecto ou situação, não são recordados apenas os aspectos sensoriais, mas também todos os dados emocionais, que o acompanham, ou seja , todas as reacções que o organismo já teve a esse mesmo objecto. A memória encontra-se em constante mutação e actualização através das nossas práticas quotidianas, é um processo que conjuga fragmentos de memória e saber, a fim de formar novas ideias, auxiliando a tomada de decisões diárias por parte do indivíduo. É a base do conhecimento e é através dela que atribuímos sentido ao nosso quotidiano e acumulamos experiências que nos orientam durante a vida, entre elas as nossas percepções. Ao contrário da memória a percepção distingue-se pois está relacionada a acontecimentos presentes, algo que ocorre no preciso momento, enquanto a memória está ligada a acontecimentos passados.

Capítulo 2
Évora, Caracterização Histórica e Geográfica

«Nada mais banal e ao mesmo tempo verdadeiro do que ver no urbanismo de uma cidade como Évora, em que a espessura da crónica impõe ao observador como um dado incontornável, uma sucessiva reescrita, um palimpsesto em que os textos anteriores foram sucessivamente apagados para dar lugar às últimas leituras, não sem deixarem de si traços a permitirem propostas de decifração. A cidade é, assim, ela própria estratigrafia, tanto nas suas estruturas aparentes como nas invisíveis que o acaso das intervenções urbanas e a acção dos arqueólogos vai evidenciando.»¹⁶

¹⁶ Herminia Vilar e Hermenegildo Fernandes, O Urbanismo de Évora no período Medieval in Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, Abril 2007,p.6.

Evocadora de períodos remotos, numa abundância de ambientes diferentes, Évora constitui um exemplo do nosso património, pelas suas características únicas e particulares. Os distintos tempos históricos e o convívio harmonioso entre os estilos artísticos e arquitectónicos de várias épocas imortalizam-se num riquíssimo legado arquitectónico e monumental, assim como na fisionomia incomparável desta cidade.

Apresentando um perfil bem marcado, «Évora, dona de outros tempos, repousa numa elevação, estende os pés no vale, espreguiça-se na planície e deixa vê»¹⁷, ponto dominante da paisagem, com o seu centro histórico numa colina que atinge uma altitude máxima de 300 metros, onde as silhuetas das suas construções seculares contrastam com a unidade da paisagem envolvente caracterizada pelo sistema de sequeiro.

«Considerada a mais importante cidade do Sul do País e chave viária das antigas rotas comerciais e civilizadoras dos povos peninsulares»¹⁸, Évora adquiriu desde a antiguidade grande destaque pela sua posição geográfica privilegiada, enaltecida pelo cruzamento milenar de vias e rotas comerciais importantes e determinantes que desde há muito ligam o norte ao sul, o litoral ao interior peninsular.

¹⁷ Celestino David, *Évora Encantadora*, p.17.

¹⁸ Túlio Espanca, *Évora- Arte e História*, p.5.

O seu aglomerado situa-se numa planície que se estende ao sul de Portugal – a Região do Alentejo. Esta planície, também designada por peneplanície¹⁹, caracteriza-se pela sua homogeneidade, onde domina a horizontalidade, exceptualmente marcada por uma suave ondulação e pontuada com alguns relevos de baixa altitude.

Apesar das alterações ocorridas nos últimos anos a paisagem da região ainda se caracteriza pela cultura de cereais em regime extensivo, com zonas de pastagem e algumas manchas de floresta. Os vários tipos de solos característicos do conselho, revelaram-se determinantes na sua utilização durante as suas várias ocupações humanas, que remontam à pré-história com testemunho de importantes movimentos megalíticos e gravuras rupestres.

«Miradoiro da planície que lhe beija os pés, Évora concentra na sua longa vida, bom quinhão das vicissitudes porque passaram os povos da península. Há aqui pegadas dos mais estranhos povos, tanto dos do norte da Europa como dos do sul, da África.»²⁰ Como pólo urbano, Évora é o reflexo da história de alguns milhares de anos, onde inconfundivelmente estão representadas diferentes povos e culturas que moldaram a sua malha urbana.

¹⁹ Região quase plana, devido à erosão normal das águas correntes, que desgastam as elevações e as aplanam, como por exemplo o Alentejo.

²⁰ Cónego Dr. José Augusto Alegria, Évora e a Cultura (A História e a Vida), p.6.



Fig.1 - Travessa das Pedras Negras.

«Os escassos vestígios encontrados dentro do casco antigo de Évora deixam apenas aventar que neste mesmo local poderá ter existido uma povoação imediatamente anterior à chegada dos Romanos»²¹, uma das primeiras ocupações, e que mais influenciou esta cidade, com vestígios que remontam a esta época ainda visíveis actualmente, como um sistema viário e uma mancha urbana articuladas consoante os eixos cardeais²² que influenciaram claramente a organização da cidade e que são ainda notórios no cadastro actual.²³ Apesar do testemunho da sua ocupação, o tecido urbano Romano é algo pouco conhecido pois os povos que se sucederam construíram sobre a sua cidade.

«A política, os costumes, as artes dos romanos enraízam aqui. Évora, capital do império que se organizara na península, assinala esse enraizamento de modo notável. Das muralhas às inscrições, dos barros às moedas, tudo demonstra a passagem dominadora deste extraordinário povo que consegue avassalar o mundo.»²⁴

21 Pedro Pinto, Évora, p.6.

22 Modelo urbano utilizado pelos Romanos para a fundação de todas as suas cidades constituído por: uma muralha em torno de uma ocupação quadrangular, alinhada segundo os pontos cardeais e dividida por duas vias principais – o cardo (orientação norte-sul) e o decumanus (orientação este-oeste).

23 Durante esta ocupação e devido à sua localização estratégica, atinge um desenvolvimento notável ganhando o prestígio de município, e em homenagem ao imperador Júlio César, é nomeada de Liberalitas Júlia.

24 Celestino David, op. cit., p.12.

Elementos como o Templo Romano²⁵, «um monumento emblemático da época romana – decerto o mais emblemático desta cultura em todo o país»²⁶, os banhos públicos, os troços da cerca antiga, ou as suas portas orientadas em função dos principais eixos são um exemplo notório do desenvolvimento alcançado durante esta época, e alguns dos vestígios que permaneceram até aos nossos dias.

Cidade comercial e ponto de referência nas principais vias de comércio, estatuto que sempre deteve ao longo da história (principalmente nas vias do Gharb), desenvolve-se no interior das muralhas tardo – romanas e mais uma vez não existem grandes vestígios desta presença Islâmica, apenas evidente na parte mais antiga do cadastro histórico, através das sinuosidades das suas ruas. Após a conquista aos mouros no séc. XII, Évora depara-se com uma nova fase de crescimento que perdura até ao séc. XVI, altura em que atinge o seu esplendor máximo, sendo considerada cidade de topo do

25 Geralmente chamado de Templo de Diana, a associação com a deusa romana da caça tem origem numa lenda criada no século XVII. Na realidade, o templo provavelmente foi construído em homenagem ao imperador Augusto, venerado como um deus durante e após seu reinado. Construído no século I d.C. na praça principal (fórum) e modificado nos séculos II e III. Évora foi invadida pelos povos germânicos no século V, e foi nesta época em que o templo foi destruído; hoje em dia, suas ruínas são os únicos vestígios do fórum romano na cidade.

26 Pedro Pinto, op. cit., p.18.



Fig.2 - Travessa da Rua Miguel Bombarda.



Fig.3 - Travessa do Janeiro.

reino, com a fixação da corte, de poderosas famílias nobres, bispos da corte, conselheiros do rei e comunidades Judaicas e Mouras.

Como cidade que cresceu ao longo dos séculos Évora possui exemplos arquitectónicos notáveis, os quais marcam a malha urbana até aos dias de hoje, como a Sé Catedral edificada em finais do séc. XIII. Posteriormente em meados do séc. XVI são edificadas as muralhas medievais, «todo um anel urbano, fruto do desenvolvimento da cidade, envolve a Cerca Velha. Todo está contido por uma outra cerca amuralhada»²⁷, denominada de Cerca Nova.

Após a reconquista cristã e consequente expulsão das comunidades Judias e Mouras para fora da muralha, o tecido urbano desenvolveu-se em torno da praça do Giraldo, «já na época romana um espaço de convívio, talvez também mercantil, e de lazer»²⁸, centro monumental e gerador de toda a organização urbana. A cidade desenvolve-se também em torno do Largo da Porta de Moura na altura praticamente definido e ocupado algo que se manteve até hoje.

É neste período que é fundado um «dos mais significativos conjuntos arquitectónicos da cidade, a Universidade do Espírito Santo»²⁹, e são construídos os mais belos palácios, conventos e

²⁷ Pedro Pinto, op. cit., p.50.

²⁸ Idem, ibidem, p.48.

²⁹ Idem, ibidem, p.68.

igrejas, e se elabora o restauro do ex-líbris da cidade: o Aqueduto das Águas Livres uma obra de engenharia e arquitectura notável que alterou profundamente a vivência e a própria organização da cidade.

Nos séc. XVII e XVIII assiste-se a uma substituição do antigo casario popular por edifícios de porte mais nobre e de dimensões superiores, bem como remodelações pontuais em alguns edifícios públicos.

Já no séc. XIX e inícios do séc. XX, numa tentativa de adaptar a cidade às suas novas necessidades, enriquecendo-a com infra-estruturas que melhorassem as condições de vida, e o dinamismo social da cidade, através de uma postura renovadora que visava alcançar o “progresso”, vários foram os edifícios considerados como elementos importantes do património arquitectónico que sofreram alterações, recebendo novas funções, alguns substituídos e em determinados casos mais extremos, totalmente destruídos, dando lugar a novos edifícios nem sempre enquadrados esteticamente com a construção envolvente. Exemplos deste processo são, por exemplo, os edifícios envolventes da Praça do Giraldo, particularmente o Banco de Portugal construído no local onde foi derrubado o edifício dos Paços do Concelho, ou o surgimento do Teatro Garcia de Resende e a Praça de S. Pedro, no espaço onde outrora existira o Convento

de S. Domingos, regista-se também no espaço do Paço Real a sua demolição quase completa restando apenas a Galeria das Damas e o Convento de S. Francisco.

Entre as décadas de 20 e 70 com o domínio da política Salazarista, o desenvolvimento e a própria cidade de Évora enfrentam uma clara fase de declínio, situação que se virá a alterar com o 25 de Abril, após a revolução surgiram preocupações de ordenamento do território urbano, desta forma são novas construções e infra-estruturas de apoio ao desenvolvimento do ambiente urbano, espaços verdes e outros equipamentos.³⁰

Com o decorrer do tempo todo o Centro Histórico de Évora sofreu inúmeras alterações, como a requalificação da sua muralha, entre outras, as quais levaram ao reconhecimento e distinção do seu espaço Urbano inserido entre as muralhas, «o carácter monumental do múltiplo património citadino, bem como a qualidade de conservação patrimonial do seu centro histórico valeram à cidade de Évora, em 1986, a sua inclusão pela UNESCO na lista dos sítios classificados como pertencendo ao Património Mundial da Humanidade.»³¹

30 No final da década de 70 inicia-se uma fase mais preocupada e pensada no que diz respeito ao desenvolvimento urbano e utilização dos seus elementos e é colocado em prática um plano baseado nos conceitos de reabilitação através da alteração da função inicial, reutilização atribuindo novas funções aos espaços e revitalização através da animação dos espaços transformados.

31 Pedro Pinto, op. cit., p.4.

Este reconhecimento levou Évora e o seu Centro Histórico a um reconhecimento mundial, o que gerou transformações benéficas para a cidade, desenvolvendo-a e desenvolvendo essencialmente o sector do turismo.

«Pode dizer-se que nada aconteceu na história de Portugal que não tivesse repercussões largas em Évora.»³² Em cada seu recanto é possível descobrir a história que a moldou, Évora é o exemplo de um espaço urbano construído ao longo dos tempos, resultado das transformações necessárias para se adaptar à vida social contemporânea.

³² Cónego Dr. José Augusto Alegria, op. cit., p.8.

Capítulo 3

Kevin Lynch, A Imagem da Cidade

Kevin Andrew Lynch, (n. 1918, Chicago, Illinois – m. 1984, Martha's Vineyard, Massachusetts, EUA)

Kevin Lynch foi urbanista, autor e professor norte-americano estudou na Yale University, Taliesin, no Instituto Politécnico Rensselaer, em 1947 recebe Bacharel em planeamento de cidades no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (Massachusetts Institute of Technology - MIT), local onde leccionou Planeamento Urbano.

Para além de ter estudado Arquitectura, com Frank Lloyd Wright, estudou também Psicologia e Antropologia, este facto influenciou a sua investigação sobre a cidade, levando-o a abordar de uma maneira diferente o problema urbano, através de uma vertente muito direccionada para o estudo da percepção do indivíduo, Lynch «voltou particularmente a atenção para o ponto de vista da consciência perceptiva. Limitando-se voluntariamente ao campo visual, estudou as bases da percepção específica da cidade e procurou isolar suas constantes, que deveriam integrar qualquer proposta de planeamento.»³³ Estudou em particular a forma como os sujeitos observam, compreendem e transitam o espaço urbano, e como este, os influencia através de factores que vão desde a cultura à própria utilização que fazem do espaço urbano, e como afecta até mesmo o

³³ Françoise Choay, O Urbanismo, p.307

comportamento das próprias crianças. O autor aborda a cidade não só como elemento físico construído, mas principalmente como uma imagem entendida e retida na mente dos indivíduos, interpreta a interação deste com o espaço urbano, como reage em função de vários factores, desde o carácter do espaço percorrido, as influências culturais dos indivíduos as suas necessidades, desejos e hábitos, e como todo este conjunto de circunstâncias influenciam a produção de uma «imagem do meio ambiente, a imagem mental generalizada do mundo exterior que o indivíduo retém»³⁴, a abordagem à imagem e à forma como esta é conseguida é de certa forma importante, uma vez que é através dela que os sujeitos atribuem sentido aquilo que observam, que se movimentam pela cidade e entendem esta.

«Lynch foi particularmente sensível ao crescimento das cidades e alertou para o facto de estarmos hoje perante uma nova unidade espacial de actuação - a cidade metropolitana. Neste contexto, considerou a cidade como uma construção em grande escala, perceptível só através de longas sequências temporais que, ao contrário da cidade antiga, deixou de ser um objecto finito, bem delimitado no espaço, para constituir um vasto conjunto, nunca acabado e em permanente alteração»³⁵ através disto concluiu que a arte de moldar as

34 Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*, p.12.

35 Manuela Magalhães, *op. cit.*, pp.198,199.

cidades ao contrário da arquitectura (de edifícios), tem um desenvolvimento gradual, por partes e não globalmente. Analisou a presença da história e do tempo nas cidades, contestou a percepção urbana à forma física destes espaços, debatendo-os como conceitos básicos de um bom design territorial.

«Lynch constitui um nome e uma experiência a reter, com a noção da importância que continua a assumir na teoria e práticas actuais»³⁶, os seus trabalhos e pesquisas, foram e são na actualidade um importante contributo em diversas áreas, desde o urbanismo, o planeamento, no desenho e reabilitação da cidade moderna e no estudo da psicologia de ambientes, as suas obras modificaram profundamente a perspectiva modernista de abordar e pensar o espaço urbano, pelo seu carácter inovador para a época, com os seus conceitos e desenvolvimentos procurou criar premissas quase que obrigatórias para qualquer proposta de planeamento urbano futuro, «não é, portanto de admirar que muitos dos teóricos que posteriormente realizaram estudos, em matéria de morfologia urbana, nomeadamente, Rossy, Aymonino, Cerasi, Rapoport, tenham integrado e desenvolvido conceitos de Lynch.»³⁷

Nos Estados Unidos Lynch participa em diversos projectos de

³⁶ Manuela Magalhães, op. cit., p.203.

³⁷ Idem, ibidem, p.198.

planeamento da cidade como conselheiro, nomeadamente no projecto actual de remodelação da cidade de Boston, e como Co-director de um estudo sobre “a forma perceptiva da cidade”, trabalho financiado pela Fundação Rockefeller³⁸, que tem como terreno experimental as três cidades norte-americanas de Los Angeles, Boston e Jersey City.

É neste âmbito que surge um dos seus mais importantes trabalhos publicados, - “The Image of the City”³⁹ - uma publicação de 1960. Para Lynch «este livro é sobre o aspecto das cidades e sobre a possibilidade de mudança e a importância deste aspecto. A paisagem urbana é, para além de outras coisas, algo para ser apreciado, lembrado e contemplado. Dar forma visual a uma cidade é um problema especial de design, um problema também recente»⁴⁰

Esta obra baseia-se em cinco anos de extensos estudos, onde Lynch «sugere um método, através do qual poderemos começar a ocuparmo-nos da forma visual à escala urbana, e oferece alguns

38 Fundação criada em 1913, por iniciativa do milionário John D. Rockefeller nos Estados Unidos da América. Trata-se de uma associação beneficente não governamental que utiliza recursos próprios para realizar acções em vários países do mundo, em especial nos subdesenvolvidos, nomeadamente iniciativas onde procura implantar medidas sanitárias baseadas no modelo Americano, com o intuito de controlar a propagação da febre-amarela e da malária.

39 De todas as suas obras publicadas destacam-se: The Image of The City, 1960; Site Planning, 1964; The View from the Road (em colaboração com D. Appleyard e R. Myer), 1964.

40 Kevin Lynch, op. cit., p.7.

princípios de design urbano»⁴¹, contrapõe ainda a existência dum instinto de orientação, a um processo de organização e escolha de múltiplos estímulos sensoriais recebidos do ambiente, «os seus estudos sobre a imagem da cidade, apresentados no livro com a mesma designação, alteraram profundamente a perspectiva modernista da cidade e influenciam ainda hoje a intervenção urbana»⁴²

Neste trabalho, com o objectivo de «perceber o papel da imagem do meio ambiente na nossa vida citadina»⁴³, o autor analisou as áreas centrais das três cidades anteriormente mencionadas, desenvolvendo e pondo «à prova a ideia de imaginabilidade»⁴⁴, uma definição desenvolvida pelo próprio, procurou ainda identificar quais as formas criadoras de imagens fortes, comparando estas com a realidade visual. Para tal elaborou dois tipos de análise básicas em cada cidade, em primeiro lugar «um reconhecimento sistemático do terreno de cada área foi feito a pé por um observador experimentado, que anotava num mapa a presença de variados elementos, a sua visibilidade, a sua força ou fraqueza como imagem, as suas relações incoerentes e outras interligações. Este observador ia também registando todos

41 Kevin Lynch, op. cit., p.7.

42 Manuela Magalhães, op. cit., p.198.

43 Idem, ibidem, p.21.

44 Idem, ibidem, p.21.

os lados positivos e negativos na estrutura da imagem potencial. As opiniões eram subjectivas e baseadas na aparência imediata destes elementos no terreno.»⁴⁵

Por outro lado, Lynch realizou a uma pequena parte de residentes de cada cidade «uma entrevista com o fim de evocar as suas próprias imagens do ambiente físico. Desta entrevista faziam parte descrições, localizações, esboços e realizações de viagens imaginárias»⁴⁶, onde era sugerido as pessoas que descrevessem a sua percepção da cidade, procurando abordar a forma como estruturavam a imagem que tinham dela, como percebiam e organizavam informações aleatórias quando percorriam o espaço urbano, estas entrevistas possibilitaram entender a cidade na sua totalidade e as suas partes constituintes, pois abordam a capacidade perceptiva do indivíduo em perceber a cidade, analisa a forma como os indivíduos estruturam a imagem que têm desta e como recorrem a ela para se orientarem e localizarem no seu espaço.

Para Lynch a participação activa dos indivíduos na organização do seu mundo e na produção da sua imagem é tão, ou mais importante, do que a sua percepção do espaço urbano. Assim defende o conceito de «uma imagem pública de qualquer cidade que

⁴⁵ Kevin Lynch, op. cit., p.22.

⁴⁶ Idem, ibidem, p.22.

é a sobreposição de imagens de muitos indivíduos»⁴⁷ em suma esta é um elemento que se encontra em aberto, indefinido, em constante processo de renovação e adaptação devido à constante interação do indivíduo com o que o rodeia, neste caso concreto com o espaço urbano.⁴⁸

Afirma que a percepção é realizada progressivamente, variável de indivíduo para indivíduo, e é influenciada por diversos factores, assim como pelas experiências passadas ou pela utilização que estes fazem do espaço urbano, é da constante vivência do espaço e dos estímulos recebidos deste, ao longo da vida, que se elabora um entendimento da cidade, considera que é impossível compreendê-la de uma única vez, o que leva a entender o tempo como um factor determinante neste processo, uma vez que ao longo deste se formam diferentes percepções, as quais levam o autor a considerar a cidade, não só pela sua condição física e espacial mas também, e principalmente, através da imagem criada pelos seus habitantes.

O autor verifica que nada é experimentado individualmente, mas sim em relação a um todo, neste caso toda uma envolvente, os elementos pertencem a uma estrutura espacial, e o indivíduo ao transitá-la cria relações entre os seus elementos constituintes, estes

47 Kevin Lynch, op. cit., p.51.

48 Este conceito é posteriormente mantido por autores como Rapoport.

são percebidos como individuais mas integrantes de um conjunto, respeitando ou não as características do mesmo assumindo ainda que elementos semelhantes, localizados em contextos diferentes, assumem significados também eles diferentes.

Uma das principais conclusões a que chega, é que os habitantes a fim de estruturar a sua imagem da cidade recorrem a um conjunto de elementos que o autor agrupa em cinco categorias: Vias, Limites, Bairros, Cruzamentos e Marcos.

Lynch aborda em particular a qualidade visual da cidade americana em duas fases, uma primeira através de um reconhecimento do lugar, seguido de uma elaboração de inquéritos, este processo permitiu analisar a imagem mental que os habitantes do espaço urbano em causa, desta análise criteriosa Lynch desenvolveu um dos seus conceitos mais importantes desta obra, a Legibilidade, o autor considera-a como «uma aparente clareza (...) a facilidade com que as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente»⁴⁹ uma qualidade visual característica da paisagem citadina.

A legibilidade é uma característica do espaço urbano, derivada dos seus aspectos físicos, ou seja, não tem em consideração sistemas não-visuais, tais como nomes ou numerações de ruas ou outros sistemas que podem contribuir para identificação, distinção

⁴⁹ Kevin Lynch, op. cit., p.10.

e legibilidade de elementos no seio da sua estrutura espacial, uma vez que estes aspectos não criam a imagem da cidade propriamente dita.

Lynch afirma que o homem não possui um instinto de orientação natural, mas sim uma capacidade associativa de estímulos captados através dos sentidos, provenientes do meio que o rodeia, que por sua vez, os organiza em função das suas intuições e necessidades. O homem tem a necessidade de estruturar, identificar e compreender o meio ambiente de forma racional e lógica, pois a sensação de desorientação é aflitiva para quem vive a cidade, sendo isto considerado um «habilidade vital» para todos os seres que se movem. Existe «um uso e uma organização sólidos de orientação sensoriais definidas fornecidas pelo meio ambiente. esta organização é fundamental à eficiência e à própria sobrevivência da vida motora»⁵⁰

Para Lynch, um ambiente legível é um ambiente compreendido com facilidade pelos indivíduos, desta forma, oferece segurança e possibilita uma experiência urbana mais intensa, desde que a cidade transmita todo o seu potencial visual e expresse toda a sua complexidade. A legibilidade é essencial para a organização da cidade e é um factor importante a ter em consideração no desenho

⁵⁰ Kevin Lynch, op. cit., p.11.

urbano actual, «na realidade, um meio ambiente característico e legível não proporciona apenas segurança mas também intensifica a profundidade e a intensidade da experiência humana»⁵¹. A imagem mental de um meio ambiente bom e agradável, proporciona aos indivíduos uma sensação importante de segurança emocional, levando a alcançar uma relação de harmoniosa entre ambas as partes.

De facto, a legibilidade não é a única característica importante de uma cidade, a sua importância atinge um significado especial ao analisarmos arredores numa escala urbana de dimensão, tempo e complexidade.

Através da interacção com o meio que o rodeia, o observador cria as suas próprias imagens, as quais poderão focar-se em elementos físicos, filosóficos, psicológicos, sociais, políticos mas essencialmente surgem em função de uma única dimensão, o homem. Estas imagens variam de indivíduo para indivíduo, pois este selecciona, organiza e assimila um significado do que vê.

Esta selecção depende não só daquilo que o indivíduo observa, mas sim em grande parte, dos interesses e interpretações próprias que o espaço lhe gera, estas interpretações surgem de diversos modos e poderão variar significativamente entre diferentes observadores. «No objecto real pode existir pouco a ordenar ou a

51 Kevin Lynch, op. cit., p.12.

observar e, no entanto, a sua figura mental pode ter ganho identidade e organização através de uma longa familiaridade»⁵². Por sua vez, um objecto observado pela primeira vez, pode ser facilmente identificado e inserido em determinado contexto, o que se deve não à sua familiaridade, mas ao facto de estar inserido dentro de um conjunto de parâmetros e características, correspondentes a um estereótipo, familiar ao observador. «Mais uma vez, um novo objecto pode parecer ter uma forte estrutura ou identidade devido às suas características físicas que insinuam ou determinam a sua própria estrutura.»⁵³

Para Lynch as imagens do meio ambiente podem ser analisadas «em três componentes: identidade, estrutura e significado»⁵⁴ uma vez que surgem juntas na realidade. Estes três componentes deveram ser abordadas individualmente e imaginadas num plano abstracto.

Uma imagem implica, em primeiro lugar o reconhecimento de um objecto, a identificação de algo em separado, um elemento de características próprias, algo distinguível da sua envolvente, ou seja, capaz de se impor individualmente, distinguindo-se do

52 Kevin Lynch, op. cit., p.14

53 Idem, ibidem, p.14.

54 Idem, ibidem, p.15.

seu meio, «falamos de identidade, mas não no sentido de igualdade com outra coisa qualquer, antes significando individualidade ou particularidade.»⁵⁵

Em segundo lugar, a imagem deverá referenciar o relacionamento estrutural e/ou espacial do objecto com o observador e outros objectos existentes na envolvente contextualizando espacialmente as suas relações, «para poder dispor as coisas espacialmente é necessário situá-las de forma diversa: colocar umas à direita, outras à esquerda, estas em cima, aquelas em baixo, a norte ou a sul, a este ou a oeste, etc.»⁵⁶

Finalmente, em relação ao significado Lynch é mais cauteloso, não aprofundando muito a sua abordagem, destacando principalmente a identidade e a estrutura, no entanto sugere que o objecto deverá ter um significado para o observador, ou seja deve suscitar um sentimento a nível prático e/ou emocional, que está intimamente ligado à sua identidade e ao seu papel dentro de uma estrutura mais ampla. «Assim uma imagem própria para criar uma saída requer o conhecimento da porta como entidade distinta, de uma relação espacial com o observador, e o seu significado como um buraco através do qual se pode sair. Estes três elementos não podem, de facto

⁵⁵ Kevin Lynch, op. cit., p.16.

⁵⁶ Filomena Silvano, Territórios de Identidade, p.9.

separar-se. O reconhecimento visual de uma porta está intimamente ligado com o seu significado como porta.»⁵⁷

«Uma vez que colocamos a ênfase no meio ambiente físico como a variável independente, este estudo procurará qualidades físicas que estejam relacionadas com os atributos da identidade e estrutura da imagem mental»⁵⁸ surge então um outro conceito mencionado por Kevin Lynch e que está fortemente relacionado com o de legibilidade e com a construção de imagens, é o conceito de Imaginabilidade. Trata-se de uma qualidade de um objecto físico, que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num determinado observador.

Este conceito está ligado ao conceito de legibilidade, uma vez que imagens “fortes” aumentam a probabilidade de construir uma visão clara e estruturada da cidade, esta, bem como todo o seu espaço urbano são um constante processo de identificação de luz, cor, movimento, som, entre outros aspectos. Uma cidade que possua uma Imaginabilidade muito forte, capaz de evocar no observador uma imagem definida e clara, poderá ser considerada uma cidade bem formada, dotada de um ambiente apelativo e interessante capaz de suscitar no indivíduo que a vive e transita um forte sentimento de prazer e satisfação.

⁵⁷ Kevin Lynch, op. cit., p.16.

⁵⁸ Idem, ibidem, p.17.

«O conceito de imaginabilidade não tem, necessariamente, conotações com algo de fixo, limitado, preciso, unificado ou ordenado regularmente, embora possa, por vezes ter estas qualidades. Também não significa visível, óbvio, evidente ou claro. O meio ambiente é fortemente complexo se o tentarmos estruturar no seu todo, enquanto a imagem evidente depressa cansa e apenas pode apontar para poucas características do mundo vivo.»⁵⁹

É necessário focar que uma cidade portadora de uma fraca imaginabilidade reflecte-se numa insatisfação, pobreza de orientação e incapacidade de descrever ou distinguir as suas partes pelos indivíduos que a percorrem.

⁵⁹ Kevin Lynch, op. cit., p.18.

A análise realizada por Lynch em *A Imagem da Cidade* «limita-se aos efeitos dos elementos físicos perceptíveis. Há também outros factores influenciadores da imagem, tais como o significado social de uma área, a sua função, a sua história ou, até o seu nome»⁶⁰, uma vez que este estudo se centra na abordagem da percepção, e em descobrir a importância da forma estes factores não serão tidos em conta.

Ao analisar a produção da imagem da cidade, Lynch caracteriza os elementos que nelas surgem através das suas características e funções, classificando-os em cinco grupos: «Os elementos da imagem urbana até aqui estudados, que podem referir-se a formas físicas, são passíveis de uma classificação conveniente em cinco tipos de elementos: Vias, Limites, Bairros, Cruzamentos e Pontos Marcantes.»⁶¹

Estes elementos são estudados do ponto de vista visual, inicialmente caracterizados e estudados individualmente, apesar de se encontrarem em constante interacção, nenhum deles existe isoladamente, mas sim em função de um conjunto espacial de maiores dimensões. Lynch conclui que, a sua existência e as inter-relações que geram, levam à criação da imagem geral, o todo.

⁶⁰ Kevin Lynch, op. cit., p.51.

⁶¹ Idem, ibidem, p.51.

«De facto, estes elementos, uma vez que aparecem em muitos tipos de imagens do meio ambiente (...) podem ter um uso muito generalizado.»⁶² Estes são então definidos por Lynch do seguinte modo:

⁶² Kevin Lynch, op. cit., p.51.

Vias

«O local construído é estruturado principalmente pelas redes viárias. Estas redes organizam a legibilidade dos diferentes lugares e a capacidade de acesso a eles; elas formam a ossatura do mapa mental graças ao qual nos podemos orientar e andar pela cidade.»⁶³ As vias caracterizam-se como sendo trajectos públicos através dos quais existe locomoção do indivíduo/observador seja em carácter ocasional, ou habitual. Na análise de Lynch, «para a maioria dos entrevistados, as vias constituíam os elementos predominantes, embora a sua importância variasse com o grau de conhecimento da cidade (...) aqueles que melhor a conheciam dominavam, de modo geral, a estrutura das vias, pensavam em termos de vias específicas e das suas inter-relações»⁶⁴, as vias são elementos sempre presentes e maioritários que influenciam a imagem da cidade, dividem-se em ruas, calçadas, passeios, faixas de trânsito, caminhos-de-ferro, entre outros, são fundamentalmente elementos através dos quais «as pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam.»⁶⁵

«Vias específicas podem tornar-se importantes em muitos

63 Jean-Paul Lacaze, op. cit., p.19.

64 Kevin Lynch, op. cit., p.54.

65 Idem, ibidem, p.52.



Fig.4 - As Ruas Washington e Summer.

sentidos. Uma das influências mais fortes será, sem dúvida, o hábito de se deslocar de modo que as vias de acesso mais importantes, tais como a Rua Boylston, Storrow Drive, a Rua Tremont, em Boston, Hudson Boulevard, em Jersey City ou as auto-estradas em Los Angeles, sejam todas características-chave da imagem»⁶⁶

Algumas vias, ganham importância e destaque em relação a outras, devido a determinadas características estruturais ou espaciais: uma concentração específica de determinadas actividades ou costumes, um determinado tipo de fachadas e pavimentos são também importantes para a identificação das vias, assim como a presença de vegetação por exemplo. «A Rua Washington é o exemplo a verificar em Boston: ela é constantemente associada ao comércio e ao teatro (...) a Broadway de Los Angeles foi reconhecida pelas suas multidões e quantidade de carros; a Rua Washington, em Boston, foi destacada pela afluência de peões.»⁶⁷ «A Rua Beacon e a Avenida Commonwealth eram, em parte, distinguidas devido às fachadas dos edifícios que nelas se encontram. A textura do pavimento pareceu ser menos importante, exceptuando casos especiais como a Rua Olvera, em Los Angeles. Tudo indica que pequenas quantidades de vegetação têm menor importância, mas quantidades maiores,

⁶⁶ Kevin Lynch, *op. cit.*, p.54.

⁶⁷ *Idem*, *ibidem*, p.55.



Fig.5 - A Avenida Commonwealth.

como a da Avenida Commonwealth, podem reforçar de um modo significativo a imagem de uma rua.»⁶⁸

Por outro lado, a sua largura também é um factor determinante: ruas largas são geralmente associadas a ruas principais e ruas estreitas a ruas secundárias; a presença de elementos marcantes ou de determinadas características nos seus extremos, uma rua cujo início seja largo ou muito apertado, ou a presença de uma estátua ou fonte, todos estes elementos poderão estimular a atenção do indivíduo de uma forma especial.

As vias são o principal elemento constituinte da cidade: é através delas que esta se gera, e através delas que dela se tem conhecimento. Seja a pé, de carro, ou de vista aérea, as vias funcionam sempre como elemento de indicação e ponto de partida para uma referência, estas geram e formam a imagem de toda a cidade e «toda a imagem de uma cidade se torna difícil se as ruas de maior importância são dificilmente identificáveis ou facilmente confundíveis»⁶⁹. Estas são o motor de desenvolvimento e organização dos restantes elementos, uma vez que é ao longo e em função destas, que tudo se organiza e ganha forma.

⁶⁸ Kevin Lynch, op. cit., p.56.

⁶⁹ Idem, ibidem, p.56.



Fig.6 - Boston vista de uma das margens do rio.

Limites

«Os limites são os elementos lineares não usados nem considerados pelos habitantes como vias. São as fronteiras entre duas partes, interrupções lineares na continuidade,»⁷⁰ que delimitam áreas distintas, geralmente considerados como um obstáculo, quebram o seguimento de determinadas configurações.

Apesar de à noção de limite se associar frequentemente o carácter de fronteiras entre duas áreas de espécies diferentes, não significa que tenham que ser limites físicos no sentido mais lato do termo. Ao abordarmos os limites estão em causa interrupções lineares da continuidade, «barreiras mais ou menos penetráveis que mantêm uma região isolada das outras»⁷¹ estes podem ser, paredes, espaços de água, estradas, viadutos, costas marítimas ou fluviais, ocasionalmente perdendo o carácter de barreira, passando a funcionar «como uma costura ao longo da qual as duas maiores áreas se reúnem e interligam claramente,»⁷² elementos de ligação, praças lineares, ruas pedestres, entre outros, que funcionam como locais de mesclagem de regiões com diferentes características, «estes ele-

⁷⁰ Kevin Lynch, op. cit., p.52.

⁷¹ Idem, ibidem, p.52.

⁷² Idem, ibidem, p.69.



Fig. 7 - Chicago vista do lado do mar.

mentos – limite, embora não tão importantes como as vias, são, para muitos, uma característica organizadora relevante, particularmente quando se trata de manter unidas áreas diversas, como acontece no contorno de uma cidade por uma parede ou por água.»⁷³

Os limites, possuem também em determinados casos, qualidades direccionais, ainda que em menor escala, como acontece com as vias o indivíduo pode se deslocar em função de um limite, seguindo-o como referência de orientação. Por exemplo, «o limite constituído pelo rio Charles deixou de ser um terreno de águas pantanosas para se tornar um linha definida e desenvolvida»⁷⁴, assim sendo podemos utilizar um limite como fio condutor, um rio é geralmente considerado um limite, uma barreira que separa dois lados, apesar desta característica um indivíduo pode usar uma das suas margens, deslocando-se e orientando-se ao longo desta, mantendo assim a sua orientação.

Na sua obra, Lynch apresenta alguns exemplos de limites que recorrentemente foram mencionados pelas pessoas inquiridas ao longo do estudo que realizou, por exemplo, refere ser «difícil pensar em Chicago sem imaginar o lago Michigan. Seria interessante verificar como a maioria dos habitantes desta cidade começaria por

⁷³ Kevin Lynch, op. cit., p.52.

⁷⁴ Idem, ibidem, p.66.



Fig. 8 - A Central Artery.

desenhar o mapa de Chicago, delineando no papel qualquer outro aspecto que não a linha definidora da costa deste lago. Eis aqui um bom exemplo de um limite visível, gigantesco no seu tamanho, que expõe uma cidade inteira aos nossos olhos.»⁷⁵

⁷⁵ Kevin Lynch, op. cit., p.70.



Fig.9 - Bunker Hill.

Bairros

«Os bairros são regiões urbanas de tamanho médio ou grande, concebidos como tendo uma extensão bidimensional, regiões essas em que o observador penetra («para dentro de») mentalmente e que reconhece como tendo algo de comum e de identificável»⁷⁶. A seguir às vias são o segundo elemento mais importante na estruturação da cidade, são elementos organizados a partir do seu interior e identificáveis do seu exterior podendo servir de referência ao serem contornados ou atravessados. «As características físicas que determinam bairros são continuidades temáticas, que podem consistir em variantes de componentes inumeráveis: textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tipo de edifício, utilizações, actividades, habitantes, estado de conservação, topografia»⁷⁷, os bairros são áreas definidas, possuidoras de uma relativa homogeneidade em relação à restante cidade, ou pelo menos possuidoras de uma certa característica que permite diferenciá-las do resto do tecido urbano, «Bunker Hill, em Los Angeles , é um exemplo muito interessante de um bairro de carácter forte e com associações históricas, numa estrutura topográfica muito nítida (...) o bairro comercial do centro da cidade,

⁷⁶ Kevin Lynch, op. cit., p.52.

⁷⁷ Idem, ibidem, p.71.

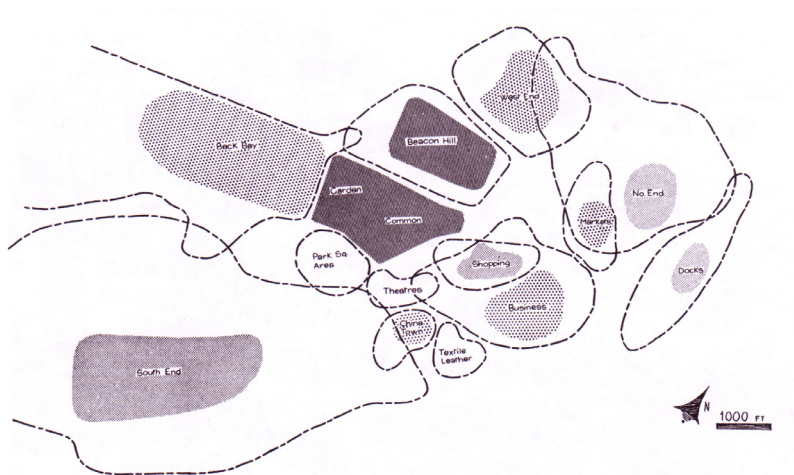


Fig.10 - Fronteiras variáveis dos bairros de Boston

a zona financeira, a do mercado, as regiões estão suficientemente bem ligadas e perto umas das outras para formar um mosaico contínuo de bairros distintos. Onde quer que nos movamos dentro destes limites, encontramos-nos numa área reconhecível. O contraste e a proximidade de cada área contribui para realçar a força temática de cada uma delas.»⁷⁸

«Numa cidade concebida de um modo fechado, como Boston, as homogeneidades de fachada, material, modelo, ornamento, cor, horizonte, disposição das janelas nos edifícios – todas constituíam indicações básicas na identificação dos bairros mais importantes»⁷⁹, a definição de bairro está ligada a um critério visual perceptivo e não a um limite de classificação administrativa, ou seja, prende-se por diferenciações que são evidentes ao olhar e à percepção do indivíduo, este percebe quando se aproxima de um bairro e identifica quando entra e sai deste, distingue os seus habitantes, por exemplo, ou um determinado tipo de cultura ou actividade.

Tal como sucede com os caminhos, a influência dos bairros varia de pessoa para pessoa bem como de cidade para cidade. Estes têm um papel importante na legibilidade da cidade, não só em termos de orientação e localização, mas também pela sua importân-

⁷⁸ Kevin Lynch, op. cit., p.71.

⁷⁹ Idem, ibidem, p.71.

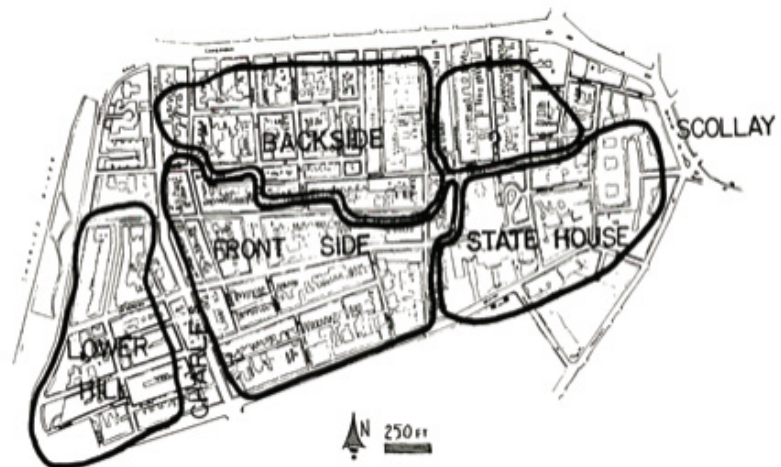


Fig.11 - Sub-bairros de Beacon Hill.

cia na vivência desta, podendo apresentar vários tipos de limites, precisos e bem definidos, mais suaves ou indefinidos, podendo da mesma forma ser introvertidos quando se isolam da cidade em seu redor e possuem poucas referências desta, ou extrovertidos, virados para o lado exterior, com uma ligação com este, muito forte e notória estes limites fixam as fronteiras dos bairros dando ênfase à sua identidade.



Fig.12 - Journal Square.

Cruzamentos

Os cruzamentos são pontos estratégicos na cidade, locais onde o observador nela pode entrar ou sair, «constituem focos intensos para os quais e dos quais ele se desloca. Podem ser essencialmente junções, locais de interrupção num transporte, um entrecruzar ou convergir de vias, momentos de mudança de uma estrutura para a outra»⁸⁰, ao seu conceito está ligado habitualmente o conceito de vias, uma vez que os cruzamentos são no fundo convergências destas, um elemento que caracteriza um percurso, um ponto de paragem e de reflexão, é normalmente nos cruzamentos que o indivíduo interrompe o seu percurso para tomar decisões, é aqui que reflecte e decide, por exemplo, sobre que rua seguir ou em que esquina virar está também em grande parte associado ao conceito de bairro, «devido ao seu carácter de núcleo, que, por sua vez, é o foco intensivo, o centro polarizador do bairro.»⁸¹

Os cruzamentos são presenças constantes nas imagens da cidade, «mesmo quando a forma física é esbatida ou irreconhecível, os cruzamentos podem ser importantes, como acontece no caso de

⁸⁰ Kevin Lynch, op. cit., p.52.

⁸¹ Idem, ibidem, p.53.



Fig.13 - O largo Pershing.

Journal Square, em Jersey City»⁸², chegando mesmo a serem considerados como elemento dominante, são constituídos por ramificações e nós de vias, paragens dos sistemas de transporte, momentos de mudança entre estruturas, «mas, embora conceptualmente eles sejam pequenos pontos na imagem da cidade, podem, na realidade, ser praças de grandes dimensões, figuras lineares de certo modo extensas, ou até toda a área de um bairro central, caso entendamos a cidade em nível lato. De facto, se concebermos o meio ambiente num nível nacional ou internacional, então a própria cidade, no seu todo, pode tornar-se um nó central»⁸³, ou seja, a cidade torna-se um local também ela de convergência, de passagem, de mudança, toma as mesmas características de um cruzamento mas neste caso numa escala mais ampla.

Estes elementos caracterizam-se pelo agrupar de funções ou qualidades físicas, por exemplo, um bar de esquina, uma praça fechada, chegando mesmo alguns destes elementos a resumir toda a identidade de um espaço específico, daqui resulta todo o seu carácter ou até mesmo o próprio símbolo de um bairro.

«Outro tipo de nós, a concentração temática, aparecia também frequentemente. Pershing Square, em Los Angeles, é um bom

82 Kevin Lynch, op. cit., p.77.

83 Idem, ibidem, pp.75, 76.



Fig.14 - A rotunda da Rua Charles.

exemplo, sendo talvez o ponto mais nítido da imagem urbana, caracterizado por um espaço muito típico, vegetação e actividade.»⁸⁴, «louisburg Square é outra concentração temática, conhecida com espaço residencial sossegado, sugestivo na colina, da classe privilegiada, com um parque vedado e altamente reconhecível. É um exemplo de concentração mais puro do que a esquina Jordan-Fillene, uma vez que não é um ponto de transferência e apenas era recordado como sendo algures em Beacon Hill. A sua importância como nó não era, de modo algum, proporcional à sua função.»⁸⁵

Os cruzamentos referidos por Lynch são locais que levam os indivíduo a reflectir, e a estar particularmente atento ao espaço que o rodeia, levando-o a compreendê-lo de uma forma especial e clara, apesar de todas as intersecções incluindo as mais banais serem consideradas como cruzamentos, nem todos possuem interesse suficiente para predominarem na mente do observador, «não são suficientemente importantes para poderem ser imaginados como algo mais do que simples cruzamentos fortuitos. A imagem não suporta quantidades demasiado grandes de centros focais.»⁸⁶

84 Kevin Lynch, op. cit., p.78.

85 Idem, ibidem, pp.78, 79.

86 Idem, ibidem, p.78.



Fig.15 - A “pequena senhora cinzenta”
na Rua 7.

Marcos

Os marcos são elementos marcantes, são pontos de referência, nos quais o observador não pode entrar, permanecendo apenas exterior a eles. São objectos físicos que o indivíduo identifica com facilidade devido à sua simplicidade como, por exemplo, edifícios, lojas, montanhas, elementos portadores de uma característica única capaz de os destacar de uma série de possibilidades, algo memorável e singular dentro do seu contexto, «o seu uso implica a sua distinção e evidência, em relação a uma quantidade enorme de outros elementos.»⁸⁷

Quando portadores de uma forma clara, estes elementos tornam-se ainda mais evidentes, o que sucede também quando se destacam e contrastam com a sua envolvente ou quando se localizam num local também ele marcante. São elementos que se encontram por vezes num local mais elevado ou sobre outros elementos ocasionalmente mais pequenos, é o caso de torres isoladas, cúpulas, colinas extensas, estes podem situar-se a uma distância considerável e funcionar como referências radiais, representando constantemente uma direcção, podemos dar o exemplo da Torre Eiffel, um elemento dominante da imagem de Paris e que funciona como referência de

87 Kevin Lynch, op. cit., p.53.



Fig.16 - A Catedral de Florença.

orientação, em *A Imagem da Cidade*, Lynch refere como exemplos a Catedral de Florença, como um ótimo exemplo de um elemento distante marcante, com o seu campanário, uma referência territorial em toda a área circundante, ou em consequência dos inquéritos que realizou refere, a existência de um de um velho edifício na esquina da Rua 7 com a Rua Flower, «cinzento, de madeira, recuado da linha dos outros aproximadamente 3 metros, onde se albergam algumas lojas de pouca importância. Este chamou a atenção e a imaginação de um surpreendente número de pessoas. Uma delas referiu-se a ele falando de uma “pequena senhora cinzenta”. O recuo espacial e a pequena escala são aspectos muito notáveis e aprazíveis, opondo-se às grandes massas que ocupam o resto desta fachada.»⁸⁸

Destacam-se também, elementos apenas observáveis e identificáveis a partir de determinadas regiões ou a certa proximidade (fachadas, árvores, puxadores de porta, janelas), elementos de dimensões menores que se destacam de toda a sua envolvente devido a determinadas características

«Está comprovado que os elementos marcantes funcionam como indicações absolutamente seguras do caminho a seguir – a especificação e a originalidade passam, agora, para primeiro pla-

⁸⁸ Kevin Lynch, op. cit., p.84.

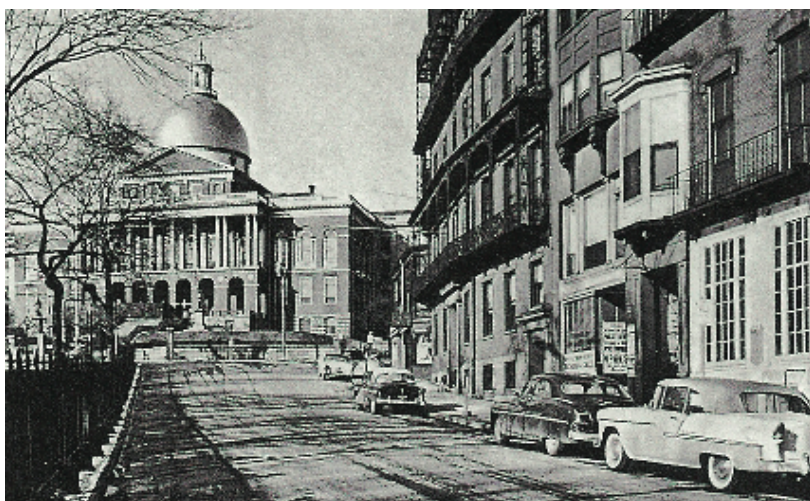


Fig.17 - A Satate House.

no, em lugar das continuidades anteriormente usadas.»⁸⁹ Os marcos são considerados como detalhes urbanos que completam a imagem da maioria dos observadores, ganham um significado crescente em função do conhecimento da cidade e funcionam como referências de identidade e até mesmo de estrutura, a sua utilização implica a distinção de algo em relação a um grande número de possibilidades, e a sua originalidade é uma mais valia fundamental para o seu reconhecimento, uma vez que elementos que possuam formas claras e diferenciadas da sua envolvente identificam-se mais facilmente e ganham mais importância no seu meio.

89 Kevin Lynch, *op. cit.*, p.82.

Os cinco elementos apresentados por Lynch são a matéria-prima a partir da qual cada cidadão elabora a imagem do meio que o rodeia, apesar de referidos de forma individual, e de serem apresentados de uma forma generalizada é de extrema importância estudar as inter-relações existentes entre eles, compreender como estes se complementam quando abordados em conjunto, o autor refere que estes «têm de ser trabalhados em conjunto de modo a conseguir uma forma satisfatória»⁹⁰, e que não só deverão ser analisados em função de grupos semelhantes (redes de caminhos, grupos de referências), mas também deverão ser abordadas as relações de pares de elementos heterogêneos, uma vez que considera que os elementos em determinados casos se reforçam mutuamente, evidenciam-se uns aos outros, ou em casos extremos anulam-se acabando por entrar em conflito. «Um elemento marcante de grandes dimensões pode impedir o crescimento, ou até expulsar de uma área entendida numa determinada escala uma pequena região situada na sua base. Localizado de forma adequada, um outro elemento marcante pode fixar e reforçar um centro focal: localizado fora do centro, pode levar a erros»⁹¹

Ao realizar este trabalho Kevin Lynch concluiu que a percep-

90 Kevin Lynch, op. cit., p.86.

91 Idem, ibidem, pp.86, 87.

ção da cidade e da sua envolvente por quem a vive é feita gradual e progressivamente «a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala, algo apenas perceptível no decurso de longos períodos de tempo (...) a cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição ou um cenário à espera de ser analisado. Nada se conhece em si próprio, mas em relação ao seu meio ambiente, à cadeia precedente de acontecimentos, à recordação de experiências passadas»⁹² é impossível apreender toda a cidade de uma só vez, trata-se de um processo constante e contínuo que leva portanto, a considerar o tempo como um elemento essencial e a ter em especial consideração em todo este processo.

Lynch apresenta este seu trabalho como uma abordagem às cidades onde reflecte «sobre a possibilidade de mudança e a importância desse aspecto»⁹³, considera que «a paisagem urbana é para além de outras coisas , algo para ser apreciado, lembrado e contemplado. Dar forma visual a uma cidade é um problema especial de design, um problema também recente.»⁹⁴

Considera que a cidade deverá ser modelada em função das

92 Kevin Lynch, op. cit., p.9.

93 Idem, ibidem, p.7.

94 Idem, ibidem, p.7.

necessidades humanas, propõe o início de uma nova fase, onde se deve adaptar o próprio meio ambiente às estruturas perceptivas e aos métodos simbólicos que caracterizam o homem, em vez de classificarmos e organizarmos constantemente tudo o que se apresenta aos nossos sentidos e posteriormente nos adaptarmos ao meio ambiente.

«É desejável que um ambiente evoque imagens vivas, é igualmente desejável que estas imagens sejam comunicáveis e adaptáveis às necessidades práticas em evolução e que possam desenvolver novos agrupamentos, novos significados, nova poesia. O objectivo deve ser um ambiente imaginável, que seja, ao mesmo tempo, aberto a mudanças»⁹⁵ Lynch apresenta a cidade como um mundo, algo intemporal e em constante mutação, que deveria ser estudado de uma forma mais profunda e o seu desenvolvimento e construção realizados em função das necessidades dos seus habitantes.

⁹⁵ Kevin Lynch, op. cit., p.142.

Capítulo 4
A Imagem da Cidade de Évora

Após o estudo realizado até aqui, procura-se fundamentar a imagem da cidade de Évora , tendo como premissa o trabalho de Lynch, esta imagem materializar-se-á através da fotografia, esta tem a capacidade de captar a realidade de uma forma única, o que a levou a ser considerada um dos meios de expressão fundamentais da cultura visual contemporânea.

O objectivo deste trabalho é estudar a imagem mental do centro histórico de Évora abordando os cinco elementos mencionados por Lynch (Vias, Limites, Bairros, Cruzamentos, Marcos) e apresentando os resultados sob a forma de fotografia, os quais foram seleccionados através de uma investigação teórica prévia, centralizada sobre os elementos importantes e influenciadores da malha da cidade, do diálogo constante com a população e da observação e opinião pessoais sobre a cidade. A metodologia apresentada neste capítulo será idêntica segundo a ordem apresentada por Lynch, inicialmente apresentar-se-á as Vias , seguidas pelos Limites , Bairros, Cruzamentos terminando com os Marcos.

Este trabalho não tem como objectivo resumir a cidade de Évora a um determinado e limitado número de elementos e objectos. Admitindo desde o início a existência de factores pessoais e individuais como influenciadores e dinamizadores de todo o processo de abordagem e compreensão da cidade, procura-se sim, por entre o todo que é a cidade, destacar alguns elementos mais fortes e que com mais facilidade se destacam e marcam os indivíduos no geral.



Fig.18 - Rua da República.

A imagem da cidade de Évora

Ao abordar a malha urbana do centro histórico de Évora, não se procurou reconhecer os elementos de Lynch de uma forma individual, mas considera-los em função de um conjunto, vendo-os como fragmentos constituintes de um todo, cuja presença e interligação, a par da relação com os indivíduos, tem como resultado final, uma imagem mental esclarecedora desta cidade. Tendo em conta este objectivo e uma vez que o interesse deste trabalho passa por abordar o aspecto formal, físico e visível da cidade, os aspectos abordados não serão analisados em função do seu carácter e importância histórica ou social.



Fig.19 - Vias marcantes da Cidade de Évora

Vias

No que diz respeito às vias de acesso mais importantes da Cidade de Évora, estes elementos, fulcrais e principais dinamizadores de toda a malha urbana, estão geralmente associados às portas da cidade, «é o alinhavo branco, o pesponto branco da estrada de circunvalação que se mostra e, logo, os ferragiais recortados de onde em onde pela fita alvacenta das estradas de Reguengos, Montemor, Redondo, Arraiolos: as vias que vão dar às portas de Moura, de Aviz, do Raimundo, de Alconchel, da Alagôa, de S. Brás»⁹⁶, ligadas ao acto de transição interior/exterior do seu centro urbano, principalmente no que diz respeito ao tráfego rodoviário, este facto leva a que sejam mais facilmente reconhecíveis e utilizadas como referência, «vias específicas podem tornar-se importantes em muitos sentidos. Uma das influências mais fortes será, sem dúvida, o hábito de se deslocar de modo que as vias de acesso mais importantes, [...] sejam todas características-chave da imagem.»⁹⁷

Ligadas ao acto de entrar/sair da cidade, podemos destacar ruas como a Cândido dos Reis, uma «artéria ampla e quase corren-

96 Celestino David, op. cit., p.18.

97 Kevin Lynch, op. cit, p.54.



Fig.20 - Rua Conde Serra da Tourega.

do em linha recta»⁹⁸, a Rua de Machede, a Rua D. Augusto Eduardo Nunes, a Rua do Menino Jesus, a Rua Conde Serra da Tourega, ou mais a norte a Rua de Avis «uma das mais extensas da cidade»⁹⁹, trata-se de um conjunto de acessos, fundamentalmente associados às portas da cidade que, por sua vez, estabelecem ligações com núcleos urbanos próximos.

Uma das ruas de maior importância, de acesso ao centro histórico de Évora é sem dúvida a Rua da República, sendo umas das vias mais largas da cidade, a sua grandeza única, aliada ao facto de se iniciar no Rossio, um dos principais espaços de estacionamento da cidade, e de terminar na Praça do Giraldo, grande centro dinamizador da mesma, faz dela uma das vias que mais chama a atenção dos indivíduos. A imagem desta via é também marcada pela entrada principal do jardim público, e pelo aspecto formal único de algumas das suas fachadas.

Na continuação da Rua da República surge a Rua Serpa Pinto, associada ao acto de saída da cidade sendo «uma das principais artérias da cidade, tanto comercialmente, como pela sua largura e beleza»¹⁰⁰, esta em conjunto com a Rua do Raimundo alcança uma

98 José Manuel Queimado, *Alentejo Glorioso: Évora, Suas Ruas e Conventos*, p.86.

99 Idem, *ibidem*, p.14.

100 José Manuel Queimado, *op. cit.*, p.78.



Fig.21 e 22 - Rua José Elias Garcia (continuação da Rua Cândido dos Reis)





Fig.23 - Rua Serpa Pinto.

importância notória, devido, à «circunstância de ser como que, o prolongamento da estrada de Lisboa.»¹⁰¹

Muitas das vias referidas permitem ao observador uma imagem forte pela associação que este faz com elas a outros núcleos urbanos importantes, como é o caso da Rua Cândido dos Reis, fortemente ligada a Arraiolos, ou a Rua D. Augusto Eduardo Nunes a Beja. O facto de estas vias apresentarem um carácter tanto rodoviário como pedonal faz com que o observador obtenha várias leituras e interpretações das mesmas, tornando-as mais claras e facilmente identificáveis.

Existem também as vias que mesmo não sendo consideradas acessos importantes, completam a malha urbana, dentro destas destacam-se algumas, devido a determinadas características que marcam e cativam tanto o olhar como a mente do observador, tais como, as ruas portadoras de características físicas diversas, por exemplo, a Rua do Cano Caracterizada pelas suas construções embutidas na estrutura do Aqueduto, como realça Celestino David ao mencionar que «a arcaria alta e elegante tem, de quando em quando, algum trabalho de arte que a embeleza. Um dos seus aspectos mais curiosos é o que oferece à passagem na rua do Cano,

101 Idem, ibidem, p.79.



Fig.24 e 25 - Rua do Cano





Fig. 26 - Rua Freiria de Baixo

ao caminhar da Porta da Alagôa»¹⁰², a Rua da República, que realça além deste último factor, também características relacionadas com um determinado conjunto de hábitos ou actividades, «caracteriza-se o facto de ser nela – para quem aqui vem – que começa a arcada que se estende desde o princípio da Rua Miguel Bombarda até ao meio da Rua João de Deus, depois de se estender por toda a Praça do Giraldo. Possui algumas casas nobres, que lhe mantêm o tipismo de cidade antiga»¹⁰³, «comercialmente esta artéria tem bastante valor e pode considerar-se das principais da cidade»¹⁰⁴. Surge então um factor que evidencia algumas vias - o comércio -, este facto é notório nas Ruas João de Deus e Miguel Bombarda, ou um exemplo ainda mais evidente, é sem dúvida a Rua 5 de Outubro, assumindo com o comércio de artesanato típico, uma imagem única e claramente turística.

As imagens de determinadas vias poderão ser reforçadas através de particularidades nos seus extremos, ou em função da sua largura, extremos fora do comum, muito largos ou muito estreitos, como acontece na Rua da Alarcova de Cima, ou simplesmente, ruas que se evidenciam devido a determinadas texturas como no caso da Rua Duques de Cadaval com a presença de vegetação.

102 Celestino David, op. cit., p.54.

103 José Manuel Queimado, op. cit., p.87.

104 Idem, ibidem, p.87.



Fig.27 e 28 - Rua 5 de Outubro.





Fig.29 - Rua da Alcárcova de cima.
Fig.30 - Rua João de Deus. (à direita)





Fig.31 - Limites da Cidade de Évora

Limites

No que diz respeito aos Limites, estes elementos têm uma presença menos notória do que as vias no espaço urbano de Évora. Como diz Lynch: «os limites são os elementos lineares não considerados como ruas: são normalmente, mas nem sempre, as fronteiras entre duas áreas de espécies diferentes. Funcionam como referências laterais.»¹⁰⁵

Procurando identificar as possíveis «áreas de espécies diferentes»¹⁰⁶, como o autor refere, destaca-se de uma forma clara e evidente a muralha, aqui a sua função defensiva, de outrora, passa a limitadora, circunscrevendo todo o centro histórico da cidade. Uma barreira física e visual, que faz a separação de ambiências completamente distintas, seja a nível morfológico ou até mesmo arquitectónico deste espaço urbano.

Esta linha limitadora, acessível e visível, presente em redor de quase toda a cidade, sofre ao longo da sua extensão imensas alterações, seja devido à variação de altura e estruturais, ou ao anejar de conjuntos habitacionais à sua fisionomia, tudo isto lhe confere e em alguns casos reforça a sua forte imagem, valor e presença.

¹⁰⁵ Kevin Lynch, op. cit., p.66.

¹⁰⁶ Idem, ibidem, p.66.



Fig.32 - Porta de Alconchel.
Fig.33 - Rua Duques de Cadaval (à direita).





Fig.34 - Rua de Mestre Rezende.

Um outro limite que é importante destacar é o Jardim Público uma vez que se trata de um espaço único devido às suas dimensões neste meio urbano cuja implantação aproximada da própria muralha lhe confere também um carácter delimitador, e por se tratar de um elemento que apesar de não constituir um limite físico mas sim apenas visual, quebra a continuidade morfológica da cidade e em simultâneo através da sua permeabilidade se torna um local de ligação entre interior e exterior.



Fig.35 - Bairros da Cidade de Évora

Bairros

No que diz respeito aos Bairros do centro histórico de Évora a sua identificação poderá causar algumas dúvidas, uma vez que, ao contrário do que acontece nos bairros extra-muros, onde estes são perfeitamente delimitados e identificáveis devido às suas construções ou a uma forte identidade, onde o indivíduo reconhece o momento de entrada no bairro e distingue no seu interior uma unidade visual. No espaço intra-muros o mesmo não acontece, em grande parte devido a uma adaptação constante da cidade às várias ocupações que sofreu ao longo dos tempo.

Contudo, através de um olhar mais atento é possível identificar dois bairros, um no lado mais a norte, a Mouraria e no lado sul a Judiaria. Estes dois bairros são identificáveis através de características e pormenores arquitectónicos que remontam a épocas específicas, correspondentes a diferentes ocupações por parte de povos culturalmente distintos, nomeadamente o Mouro e o Judeu.

A Mouraria, delimitada pela Rua das Alcaçarias e pela Rua de Avis, caracteriza-se pelas suas ruas sinuosas e estreitas, geralmente com casas de um piso, de carácter rural, muitas delas de construção débil e algumas com a particularidade de possuírem quintais privados. Também aqui se destacam as chaminés de ressalto. Nesta



Fig.36 - Rua das Alcaçarias.
Fig.37 - Travessa das Morenas (à direita)





Fig.38 - Travessa Torta .
Fig.39 - Rua da Moeda (à direita).





Fig.40 - Travessa do Contreyras .

zona é frequente encontrar largos de forma irregular, resultado de espaços não construídos, ligados a funções comerciais, mercados e feiras, como no caso do Largo das Estacas e o Largo do Chão das Covas.

Por sua vez, a Judiaria, situa-se entre as Ruas do Raimundo e a Rua Serpa Pinto, zona onde predominava o comércio, as actividades artísticas e intelectuais, caracteriza-se pelas suas ruas direitas e estreitas, que ligam ao ponto principal da cidade, a Praça do Giraldo, pavimentadas e racionalmente organizadas, as mais importantes, possuem travessas que as ligam entre si. Geralmente formadas por casas de dois pisos com a particularidade de possuírem na maioria dos casos duas portas, a mais larga reservada a um espaço com fins comerciais sempre no piso inferior e a mais estreita de uso doméstico por sua vez no piso superior, nas fachadas destas casas encontram-se ainda hoje pormenores característicos desta comunidade, como por exemplo, os portais góticos, as chaminés de ressalto ou as quinas das ombreiras quinadas.

De salientar ainda nesta zona a presença de arcos nas ruas, construídos por motivos estruturais ou simplesmente com a função de passagem de uma habitação para outra.



Fig.41 - Travessa das Damas.



Fig.42 - Cruzamentos da Cidade de Évora

Cruzamentos

Relativamente aos cruzamentos do espaço urbano de Évora, podemos afirmar que um dos principais elementos digno desta designação é sem dúvida a Praça do Giraldo, aqui ocorre toda uma série de acontecimentos, «já na época romana um espaço de convívio, talvez também mercantil, e de lazer»¹⁰⁷, este é um local de referência e em função do qual os habitantes geralmente tomam decisões sobre que direcção tomar.

A Praça do Giraldo caracteriza-se por ser um espaço de convergência por natureza, considerado de ponto central de grande parte da distribuição da malha urbana, esta praça concentra uma enorme diversidade de actividades temáticas e características a nível arquitectónico que estimulam o observador e lhe despertam os sentidos, levando este a conceder uma imagem mental forte do espaço. Esta destaca-se pelo seu aspecto livre e amplo, passando pelo carácter delimitador que os altos edifícios da sua fachada lhe transmitem, até ao ritmo que as suas arcadas lhe conferem, todo este conjunto de aspectos, incluindo a sua relação e o modo como se organizam, reforça a importância dos mesmos como unidade, bem como a imagem da própria praça e consequentemente da cida-

¹⁰⁷ Pedro Pinto, op. cit., p.48.



Fig.43 e 44 - Praça do Giraldo.







Fig.45 e 46 - Praça do Giraldo.



de, fazendo com que o observador a preserve na sua mente, quase que de uma forma evidente.

De realçar também outros espaços que apesar de serem de dimensão inferior, também são pontos estratégicos ou locais onde as pessoas reforçam a sua atenção, quando transitam a cidade, por exemplo o Largo das Portas de Moura, a Praça do Sertório, a Praça Joaquim António de Aguiar ou a Praça 1o de Maio.

Tendo em conta as características dos cruzamentos é importante salientar determinadas junções entre ruas, estas intercepções distinguem -se pelo seu carácter de distribuição, são locais de opção direccional, ou seja é nestes pontos que os indivíduos tomam decisões importantes no seu percurso, o Largo Luís de Camões o Largo das Portas de Avis, ou o Largo da Misericórdia, são bons exemplos deste facto.



Fig.47 - Praça do Giraldo (página anterior).

Fig.48 - Praça Joaquim António d'Aguar

Fig.49 - Largo da Porta de Moura (à direita).







Fig.50 - Praça de Sertório (à esquerda).
Fig.51 - Largo Luís de Camões (Porta Nova).



Fig.52 - Largo Luís de Camões (Porta Nova).
Fig.53 - Largo de Avis (à direita).





Fig. 54 - Templo de Diana.

Fig. 55 - Arcadas da Praça do Giraldo
(à direita).





Fig.56 - Elementos Marcantes da Cidade de Évora

Elementos Marcantes

Por último, surgem os marcos, e numa cidade como Évora, talhada pela história, marcada pela passagem de diferentes culturas que imprimiram na sua malha o carácter das suas épocas, das tradições religiosas, arquitectónicas e sociais, é fácil identificar inúmeros elementos e pormenores marcantes e identitários, elementos que primam pela originalidade ou por «um aspecto que é memorável ou único num contexto»¹⁰⁸, exemplo claro deste facto é o Templo de Diana.

O templo é um elemento que contrasta com a sua envolvente e que ganha perante o observador uma magnitude única muito devido à sua localização privilegiada e posição de destaque que ocupa no antigo fórum, torna-se então como que um cartão-de-visita e de apresentação de toda a cidade, sendo até por vezes o elemento e a imagem, principal de caracterização da mesma.

Outros elementos marcantes do centro histórico de Évora, através dos quais a imagem da cidade é fortemente marcada são as torres, desde de igrejas, a conventos, passando pelas das muralhas, toda a cidade é visivelmente marcada por estes elementos verticais, que se destacam como referências e pontuam o pano vermelho dos telhados.

¹⁰⁸ Kevin Lynch, op. cit., p.82.



Fig.57 - Torre das Cinco Quinas.
Fig.58 - Torre da Igreja de S.Francisco
(à direita).





Fig.59 - Torre da Sé.

Fig.60 - Torre da Cerca Nova (à direita).





Fig.61 - Torre do Pateo de S.Miguel.
Fig.62 - Torre da Sé (à direita).





Fig.63 - Torre do Pateo de S.Miguel.
Fig.64 - Torre da Sé (à direita).





Fig.65 - Travessa.

As próprias muralhas, tanto a Velha como a Nova possuem pormenores que a marcam muito além do seu aspecto monumental, pequenos detalhes que enriquecem e cunham a sua imagem, desde as portas e arcos encontrados por toda a cidade, exemplos da Porta de Avis que ainda hoje se encontra completa, ou como é o caso do arco de D. Isabel, uma das poucas portas antigas romanas de que se tem conhecimento¹⁰⁹, até às guaritas de vigia, entre outros.

Fortemente ligado à imagem de Évora está todo um sistema hídrico que em tempos abastecia a cidade, e do qual restam ainda nos dias que correm vários vestígios, pormenores que caracterizam ruas, marcam e definem espaços, como os vários Chafarizes, dos quais sem dúvida, os mais marcantes são o Chafariz da Praça do Giraldo, e também o da Bola do Largo das Portas de Moura. De referir também as várias caixas de água encontradas em diversos pontos da cidade. Para além de todos estes elementos marcantes já referidos encontram-se com facilidade, por toda a cidade um enorme número de detalhes que por muito pequenos ou simples que sejam, conseguem marcar a imagem que o indivíduo tem da mesma sendo este capaz de os reter de uma forma espontânea na sua mente, devido a uma forma, cor ou disposição especial, trata-se de marcos importantes e qualificadores da imagem de um todo, de uma história, um legado.

¹⁰⁹ Celestino David, *op. cit.*, p.53.



Fig.66 - Arco de D.Isabel.
Fig.67 - Arcadas da Praça do Giraldo
(à direita).



Fig.X - Guarita Cerca Nova.



Fig.68 - Chafariz da Porta de Moura.
Fig.69 - Fonte da Rua Serpa Pinto (à direita).





Fig.70 e 71 - Chafariz da Praça do Giraldo.





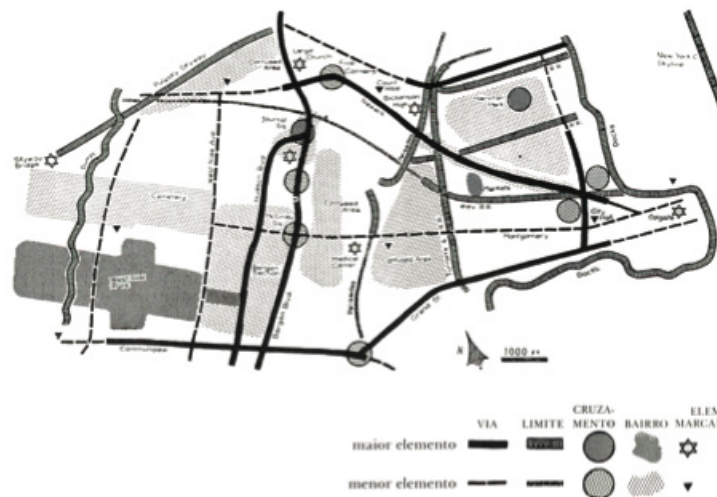
Fig. 72 - Rua Freiria de Baixo.

O centro histórico da cidade de Évora é um espaço fortemente marcado pela passagem de diversos povos, estas civilizações moldaram e marcaram a cidade de uma forma única, munindo-a de uma malha urbana muito definida e estruturalmente muito forte, este factor relacionado com o predomínio de inúmeros elementos de características e detalhes muito acentuados, que se observam e identificam claramente em todo o centro histórico da cidade conferem-lhe uma Legibilidade e Imaginabilidade muito forte.

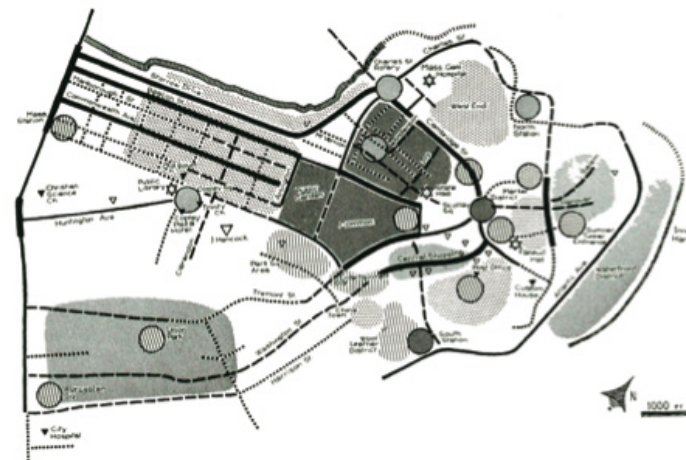
Toda a cidade de Évora está marcada por elementos que se apresentam de uma forma intensa perante os nossos sentidos e cujas qualidades físicas evocam no observador uma imagem forte deste mesmo espaço, estas imagens estruturam de uma forma clara e organizada toda a cidade levando á construção de imagens e mapas mentais da mesma, muito definidos e detalhados.

O trabalho fotográfico apresentado procura mostrar toda uma qualidade visual da cidade de Évora, através deste conjunto de imagens registadas foi possível sob a forma de cartografia fotográfica, verificar que a cidade de Évora possui uma Legibilidade forte pois apresenta-se de uma forma muito clara, com as suas partes constituintes organizadas e reconhecíveis no meio de uma estrutura coerente, tornando a cidade num espaço agradável visualmente, altamente imaginável e de fácil percepção.

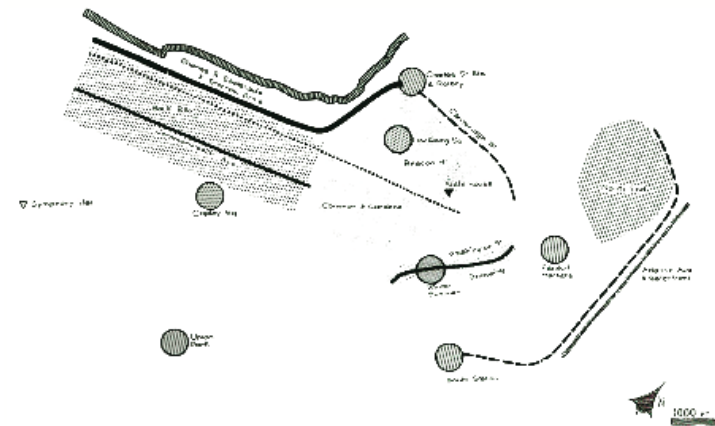
Anexos



Anexo 1 - A forma visual de Jersey City como é vista no terreno. Kevin Lynch, A Imagem da Cidade, p.152



Anexo 2 - A imagem de Boston derivada das entrevistas ver- bais. Kevin Lynch, A Imagem da Cidade, p.149.



Anexo 4 - Os elementos distintos de Boston.
Kevin Lynch, A Imagem da Cidade, p.150.

Anexo 6 - A imagem de Jersey City derivada das entrevistas locais. Kevin Lynch
A Imagem da Cidade, p.151.



Bibliografia

ALEGRIA, Cónego Dr. José Augusto, *Évora e a Cultura* (A História e a Vida), Instituto de Cultura Vasco Vill'alva, 2004

AMAR, Pierre-Jean, *História da Fotografia*, Edições 70, 2007 AUGÉ, Marc, *Não-Lugares*, Editora 90o , 2007

BARTHES, Roland, *A Câmara Clara*, Notas sobre a fotografia, Edições 70, Lisboa, 2009

BAUDELAIRE, Charles, *O Pintor da Vida Moderna*, Vega Passagens, 1993

BAURET, Gabriel, *A Fotografia*, Edições 70, 2006 BENJAMIN, Walter, *A Modernidade*, Assírio & Alvim, 2006

CALVINO, Italo, *As Cidades Invisíveis*, Colecção Estórias, Editorial Teorema, 2003

CARVALHO, Afonso de, *Da Toponímia de Évora*, Edições Colibri, Lisboa, 2004

CHOAY, Françoise, *O Urbanismo*, Editora Prespectiva, São Paulo, Brasil, 2005

CULLEN, Gordon, *Paisagem Urbana*, Edições 70, Lda. 2006

DAVID, Celestino, *Évora Encantadora*, Livraria e Papelaria Nazareth, Évora, 1923

ESPANCA, Túlio, *Évora*, Câmara Municipal de Évora, 1980

FLUSSER, Vilém, *Ensaio sobre a Fotografia*, Relógio de Água Editores, 1998

JIMENEZ, Manuel, *A Psicologia da Percepção*, Colecção Biblioteca Básica de Ciência e Cultura, 1997

JOLY, Martine, *Introdução à análise da Imagem*, Edições 70, Lda.2008

KANT, Immanuel, *Crítica da Razão Pura*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008

LACAZE, Jean-Paul, *A Cidade e o Urbanismo*, Biblioteca Básica de Ciência e Cultura, 1995

LANGE Susanne, *Bernd and Hilla Becher Life And Work*, Mit Press Ltd, 2006

LIMA, Miguel Pedroso de, *Muralhas e Fortificações de Évora*, Argumentum, 1996

LOPES, Gérard Castello, *Reflexões Sobre Fotografia*, Assírio & Alvim, 2004

LYNCH, Kevin, *The Good View From the Road*

LYNCH, Kevin, *A Boa Forma da Cidade*, Edições 70, Lda. 2007

LYNCH, Kevin, *A Imagem da Cidade*, Edições 70, Lda. 2008

MAGALHÃES, Manuela Raposo, *A Arquitectura Paisagista – Morfologia e Complexidade*, Editorial Estampa, 2001

PINTO, Pedro, *Évora*, Everest Editora, 2001

QUEIMADO, José Manuel, *Alentejo Glorioso: Évora, suas Ruas e Conventos*, [s.n.]

VILAR, Herminia e FERNANDES, Hermenegildo , *O Urbanismo de Évora no período Medieval*, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, Abril 2007

RODRIGUES, José Manuel, CARMELO, Luís, *Água de Prata*, Casa do Sul Editora, 2001

SHEPS, Marc, *Fotografia do Século XX*, Taschen, 2005

SILVANO, Filomena, *Territórios de Identidade*, Celta Editora, Oeiras, 1997

SONTAG, Susan, *On Photography*, Penguin Books, 2008

TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, FAUP Publicações, Porto, 2006

Créditos de Imagem

© Samuel Salgado, Fig. 1 - 3, 18 - 72 .

© Kevin Lynch , Fig. 4 - 17.